

Figuras na História de Loriga

Theotônio Luiz da Costa

Em 1813 foi colocado em Loriga como pároco-colado, como se dizia na altura e lhe esteve atribuída durante muitos anos, apesar de temporariamente deixar esta localidade por motivo se ter alistado na milícia então organizada na época, para expulsar do solo da Pátria os franceses.

Novo e cheio de vida, tinha a particularidade e tudo leva a crer que sim, de ser um homem combativo e enérgico, capaz de dar a vida pela causa que defendesse. Depois de ter contribuído para a expulsão dos franceses, viria novamente a participar nas "lutas" liberais, só depois regressando a Loriga em 1852, já cansado mas ainda com forças para paroquiar nesta "sua" paróquia até aos fins de Novembro de 1855.

Apesar de cansado e velho mas estando por dentro das "lutas" liberais, quando regressou a Loriga, teve que enfrentar uma população verdadeiramente inclinada para a causa "Miguelista" tendo por isso muitos problemas, nomeadamente quando no altar e nas suas pregações expressava as suas ideias políticas e, por conseguinte feria aqueles com ideias contrárias. Por esse motivo, chegou ao ponto, de pegar numa cadeira e correr com todos eles até ao adro, quando lhe vinham, no final das mesmas, pedir explicações.

Era de comprovado zelo paroquial e apesar da avançada idade permaneceu pároco-colado de Loriga até à sua morte.

Sebastião Mendes de Brito

Pertencendo a família abastada era natural de Loriga, foi na sua terra pároco-encomendado, como se dizia na altura, logo após o pároco-colado Theotônio Luiz da Costa se ter alistado nas milícias.

Padre rígido, disciplinado e bastante zeloso, ao ponto de pensar todos terem por obrigação o cumprimento da religião católica. Muitas vezes, e já paramentado, saía da igreja e obrigava a entrar nela, para assistir à missa, todos aqueles que se encontravam no adro ou que na altura por ali passavam.

Viria a falecer no dia 24 de Dezembro de 1851 e segundo os escritos desse tempo foi sepultado ao fundo dos degraus do altar-mor, no lugar onde o celebrante principiava as missas.

Manuel Matias dos Santos e Figueiredo

Nasceu na Vide, e depois de ter sido Pároco de Piodam, foi colocado em Loriga como Pároco-colado, onde esteve, desde Janeiro de 1860 até 1893. Os 33 anos como Pároco na freguesia de Loriga, foram ferteis em acontecimentos. Homem de uma personalidade bem vincada, onde acima de tudo era reconhecido por ser paciente, teve sempre contra si duas das famílias mais poderosas da terra, as famílias Marques e Britos.

Em Novembro de 1882, desabou a igreja matriz, em consequência de um tremor de terra que se tinha sentido em Loriga, no mês de Setembro desse mesmo ano, o Padre Manuel Matias dos Santos Figueiredo, teve arte em conseguir unir todos os loriguenses, juntando a isso todas as forças possíveis, para concretizar a reconstrução, que se viria a verificar. Tendo sido restituída ao culto em fins de Setembro de 1884, para satisfação de todos e do próprio Pároco, que quando ao ver a igreja por terra, pensou que já não seria na sua vida que voltaria a ver a igreja edificada.

Foi no seu tempo, quando Pároco de Loriga, que foi construída a Capela de Nossa Senhora da Guia, que na altura se tornou num problema conflituoso, por motivo do local escolhido pelos loriguenses, serem de família abastada na localidade e não aceitava de maneira nenhuma a ocupação abusiva daquele local. Em todo esse processo mais uma vez o Padre Matias, deu mostra da sua total paciência, que tanto o caracterizava.

O Padre Matias, ficou na história da igreja de Loriga, que não sendo natural desta localidade, mais anos esteve efectivo como Pároco da Freguesia.



António Mendes Lages
1838 - 1916

Nasceu em Loriga no dia 2 de Janeiro de 1838, era filho de António Mendes Lages e de Maria do Rosário de Moura. Com a idade de 21 anos entrou para a Universidade de Coimbra matriculando-se, ao mesmo tempo, em matemática e teologia. Em 1862 matriculou-se em medicina e arrastado pelas doutrinas desvairadas do tempo acamaradou com sociedades suspeitas, perdeu a fé abandonando mesmo as práticas religiosas que frequentara desde criança, chegando até a inscrever-se na Maçonaria.

Terminada a formatura em 1867 sempre com excelentes classificações foi exercer clinica no Sabugal onde obteve o partido médico. Em 1870 deixou essa vila e foi para o Porto onde exerceu clinica no Hospital de St. António, esteve também na Golegã e, mais tarde, vai para Lisboa, onde se fixou, chegando a ser chefe de serviço no Hospital de S.José.

Casou com Dona Adelaide Soriano em 1874, e foi pai de dois filhos. Com a morte da esposa em 1908, começou a sentir continuados rebates de consciência que o convidavam a servir a igreja e a emendar a vida desleixada, ingressou na Companhia de Jesus como noviço. Pensou ir a Roma expor ao Santo Padre a sua vida, mas antes foi confessar-se em Coimbra onde fez, durante oito dias, os exercícios de Santo Inácio, no final dos quais se sentiu de consciência tranquila e de bem com Deus.

Colocando de parte a ideia de ir a Roma dedicou-se à defesa dos operários vindo a fundar a Associação "A Cruz do Operário e Artistas" promovendo conferências sociais que despertaram muito interesse em numerosas localidades e arrastaram muitos à conversão. Pediu admissão como noviço da Companhia de Jesus com 70 anos de idade, pedindo para entrar na Ordem de Jesuítas de Campolide em 1908, seguindo depois para Torres Vedras onde inicia o noviciado durante três anos.

Em 1908 começou então a preparar-se para o Sacerdócio, ordenando-se em 8

de Maio de 1911, dia da festa do Patrocínio de S.José em Exaten na Holanda, com 73 anos de idade.

Há no entanto, outros relatos que nos dão conta ter concluído o noviciado e obtida a licença necessária para a ordenação em 11 de Fevereiro de 1911, " atendendo às circunstâncias absolutamente extraordinárias do caso" , tendo de facto celebrado a sua primeira missa em Maio desse ano.

Com a implantação da República teve muitos problemas e sofreu perseguições, tendo mesmo sido preso em 1910 e colocado na prisão de Caxias com outros jesuítas. Quando foi posto em liberdade, exilou-se na Holanda, chegando mesmo a ser-lhe suspensa a carta médica.

Os últimos anos da sua vida foram passados na oração e no sacrifício, edificando os religiosos da Companhia pelas suas altas virtudes. Faleceu em Múrcia - Espanha, no dia 11 de Janeiro de 1916. A Companhia de Jesus em Portugal considerou-o como uma das suas glórias e Loriga pode orgulhar-se de ter sido o berço de tal filho.



Augusto Luis Mendes
1851 - 1925

Nasceu em Loriga no dia 23 de Janeiro de 1851, filho de Manuel Mendes Aparício Freire e de Maria Teresa Luis Brito, foi um dos maiores industriais desta localidade. Na sua infância frequentou um colégio em Valezim, que nessa época ali existia.

Homem culto, dinâmico e acima de tudo muito católico, de muito novo começou a ser atraído para os meios empresariais, passando a ter um conhecimento grande na industria de Lanifícios que o levaria a ser um industrial de sucesso. Era na sua fábrica da Redondinha que teciam os melhores panos e onde os melhores operários de Loriga tinham grande orgulho em ali trabalhar.

Casou com D.Eduarda Guimarães, de quem veio a ter cinco filhos, e que viria a falecer quando ainda seus filhos eram novos. Tempos depois voltaria a casar pela segunda vez, com D. Maria do Carmo Monteiro, senhora abastada cuja riqueza junta à do marido, formaram uma das famílias mais ricas existentes nessa época em Loriga.

O seu solar era um esmero naquele tempo, tendo ali recebido grandes personagens sociais, políticas e religiosas, mandando mesmo construir uma capela dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora onde, aos Domingos, fazia questão de ali assistir à missa rodeado da sua família e convidados. Nela foram também realizados os casamentos de seus filhos, o baptismo dos seus netos, e velado o corpo da sua primeira esposa, da sua filha Ermelinda, dos seus netos e também o seu próprio corpo, quando do seu falecimento em 1925.

Foi sócio da empresa Hidroeléctrica e o grande impulsionador para trazer a electricidade para as industrias de Loriga, que fez também estender pelas ruas da povoação. Foi um dos maiores lutadores para conseguir a ligação da construção da estrada de São Romão a Loriga, assim como teve um papel

importante para a criação do Posto Telegráfico e Correios nesta localidade, mandando também construir os poços na serra para que no Verão não falta-se a água para a rega.

Reconhecido pelas suas virtudes humanas, era grande amigo dos pobres a quem distribuía esmolas semanalmente. Sendo possuidor de imensas terras de cultivo, viria a ser um grande benemérito para a sua terra que tanto adorava, oferecendo mesmo os terrenos que eram seus para neles ser construído o acesso principal à povoação por estrada. Esta doação foi de grande importância para a sua terra, bem reconhecida pelos seus contemporâneos loriguenses que, como prova de gratidão, e desde logo perpetuaram o seu nome naquele local, passando aquela via a chamar-se Av. Augusto Luis Mendes.

Envelhecido, foi ficando quase cego, adoece e é levado para Coimbra, vindo a falecer no dia 26 de Novembro de 1925. O funeral é realizado numa manifestação de dor, onde toda a população chora o homem que muitos consideravam como pai dos pobres, ficando esta localidade mais pobre ao ver partir para sempre um dos seus maiores beneméritos.



Cónego Manuel F. Nogueira
1861 - 1944

Nasceu em Loriga no dia 7 de Abril de 1816, era filho de Joaquim Fernandes Nogueira e de Custódia Mendes Jorge e foi baptizado a 18 do mesmo mês. Coursou no Seminário de Coimbra e foi ordenado sacerdote em 10 de Outubro de 1884. No ano seguinte, foi nomeado pároco do Píodam concelho de Arganil, onde transformou aquela freguesia de tibia em fervorosa, iniciando e radicando nela práticas de piedade e devoções que não eram comuns naquela época, o que demonstra a sua intensa vida interior de fervoroso apostolado.

Em 1886 levou para junto de si alguns rapazes para o ensino do curso preparatório dos seminários e do liceu, tendo formado no Píodam uma espécie de colégio por onde passaram filhos de famílias de todas as categorias sociais da região que durou até 1906.

Durante esses 22 anos que esteve à frente daquela paróquia, para a população local o Sr.Cónego Nogueira foi como que um anjo enviado por Deus, onde a sua piedade era um dos aspectos mais característicos da bondade e zelo cristão. A sua pregação estendia-se também às freguesias vizinhas onde, percorrendo rudes caminhos pelas serras, levava a doutrina de Cristo e exercendo a sua verdadeira caridade, e distribuindo pelos pobres aquilo que lhe sobrava.

Em 1907 foi colocado como director espiritual no Seminário de Coimbra e, em 1914, foi nomeado arcebispo do distrito eclesiástico de Coimbra. Em 5 de Janeiro de 1922, foi nomeado cónego da Sé, pelo Bispo D. Manuel Luiz Coelho da Silva. Mesmo assim e, dentro da feição espiritual que lhe era comum, ficou ainda pároco de Moinhos (Miranda do Corvo) conquistando ali também muita simpatia e admiração.

A última vez que voltou à sua terra foi em 19 de Setembro de 1941, com 81 anos, já muito débil. Sentado no altar-mor a população de Loriga desfilou perante ele, ajoelhando-se e beijando-lhe as mãos, numa singela homenagem, para depois se dirigirem para junto do Largo Dr. Amorim, onde seria descerrada uma lápida colocada na casa onde oitenta e um anos antes ali tinha nascido tão ilustre Loriguense.

Faleceu em 28 de Fevereiro de 1944 no Seminário de Coimbra e foi sepultado no cemitério do Pio, num dia em que choveu torrencialmente o dia inteiro, mesmo assim, não deixaram de ser centenas, as pessoas que o acompanharam à sua última morada, onde se podiam ver todas as classes sociais, assim como, mais de 50 sacerdotes que vieram de longe, representações de muitas comunidades religiosas, representações de muitas paróquias e organismos e até de Piodam, foram pessoas a pé até Coimbra para assistirem ao funeral. Em 1972, no Piodam, foi realizada uma homenagem dos 111 aniversário do seu nascimento, com a presença de muitas centenas de pessoas, onde foi inaugurado um monumento erguido ao Santo Cónego Nogueira, tendo sido dado o seu nome ao Largo da Igreja. Uma homenagem merecida a essa figura que ficou para sempre no coração do povo dessa localidade.



Joaquim Augusto Amorim da Fonseca
1862 - 1927

Natural de Varziela concelho de Felgueiras (Minho) onde nasceu no ano 1862, era filho de Francisco da Fonseca e de D. Emília da Fonseca. Foi médico municipal em Loriga mais de 30 anos (1893 a 1927) onde viria a falecer com 65 anos, vítima do dever profissional quando nesta localidade se lutava contra a grave epidemia do "Tifo Exantemático"

Homem de profundos sentimentos religiosos, era sempre com um sorriso nos lábios que falava aos pobres, ricos e até às criancinhas. Era verdadeiramente dedicado aos seus doentes, ao ponto de, muitas vezes, o verem chorar quando se via impotente para debelar a doença ou minorar o sofrimento dos seus pacientes.

Quando concluiu a formatura médica, casou com D. Urbana Madeira natural da freguesia de Poiares concelho de Arganil, onde fixou residência até à sua colocação como médico municipal na freguesia de Loriga, e onde viria a construir a sua casa de habitação em terreno cedido gratuitamente pelo industrial Abílio L. Brito Freire.

Além de Loriga prestava assistência médica às localidades vizinhas, onde se deslocava a pé ou de "mula" quer chovesse ou desse Sol, nevasse ou estivesse vento, nada cobrando a quem quer que fosse. Vivia feliz e alegre e nada lhe faltava, porque lhe ofereciam muitas recompensas materiais, pois era acima de tudo muito adorado pelo povo.

Quando faleceu, em 21 de Maio de 1927, depois das respectivas exéquias, o seu corpo ficou depositado no jazigo do Sr. Augusto Luis Mendes. Mais tarde, em 19 de Setembro desse mesmo ano, foi trasladado para a sua terra natal e sepultado no cemitério de Pedreira-Felgueiras, por decisão da família, num dia que ficou assinalado com a despedida emocionante do povo de Loriga, todo a chorar e dando adeus a tão grande e bom benemérito desta Vila.

Anos mais tarde como prova de gratidão, a Junta de Freguesia mandou erguer uma estátua num dos largos da povoação, que passou também a chamar-se de seu nome. Em 1977 e quando da passagem do Cinquentenário da sua morte, ali

Ihe foi prestada uma homenagem alusiva a essa data, assim como, a todas as vítimas dessa epidemia de 1927.



Pedro de Almeida
1873 - 1959

Nasceu em Santiago de Cassurrães - Mangualde, em 2 de Dezembro de 1873. Colocado em Loriga como professor primário, exerceu proficientemente o magistério, durante longos anos, nesta localidade, onde se veio a radicar. Professor culto, competente, profundamente dedicado aos seus alunos, tinha uma característica própria de ser também muito exigente nos seus ensinamentos, atraiu à sua escola estudantes de freguesias distantes, confiados pelos pais ao saber e cuidados do ilustre professor.

Reconhecido por um republicano verdadeiramente fervoroso, era também rigoroso nas suas ideias e naquilo que acreditava, era um orador fluente, por isso também muito respeitado e admirado.

Casado com D. Adelaide de Almeida, constituiu toda uma família virada para o ensino. Todos os seus filhos foram professores do ensino primário, que se distinguiram, por onde quer que passaram, e aos quais também doou a tradição republicana. Deixou ainda na hora da sua morte numerosa descendência entre a quais netos e bisnetos, que no ensino primário e secundário e em outras actividades ocupavam relevantes posições sociais. Muito católico, não faltava à missa dominical ou mesmo nas devoções das tardes celebradas na igreja, privando ainda da sua estima com todos, deixando muitas saudades.

Contribuiu sempre, quando solicitado, para várias organizações loriguenses, tendo chegado a desempenhar diversos cargos, entre os quais de Julgado da Paz e Registo Civil.

Faleceu em Loriga no dia 4 de Dezembro de 1959, com 87 anos, ao funeral incorporaram-se centenas de pessoas, muitas delas vindas de vários pontos distantes do país. Na igreja foram cantados Ofícios Solenes, o funeral realizou-se depois para o cemitério local, onde ficou sepultado.



José Mendes dos Reis
1873 - 1971

Oficial Superior da Armada de Infantaria (Coronel) nasceu em 1 de Abril de 1873 em Macapá-Pará - Brasil, era filho de José dos Reis e de Maria Águeda Mendes Lemos naturais da Vila de Loriga.

Alistou-se com voluntário em Infantaria 5, a 19.11.1889, sendo promovido a Alferes em 30.11.1895, tendo alcançando o seu posto de Coronel em 11.3.1922.

Foi professor de esgrima na Escola Prática de Cavalaria e altamente premiado em diversos concursos dessa disciplina. Em 1911-12 por ocasião das incursões e movimentos monárquicos do Norte comandou um grupo de metralhadoras em operações efectuadas em Braga, Arco de Valdevez, Chaves e

Montalegre e foi comandante do destacamento que sufocou a rebelião de Celorico de Bastos em 1912.

Comandou a força de Infantaria e Metralhadoras que forçou o Batalhão de Infantaria 21 mobilizado, a depor, a sua atitude de recusa para C.E.P. em França e comandou também uma força que prendeu os oficiais de Infantaria 34 que se recusavam, também a embarcar para a França em 1917. No ano seguinte foi ele mesmo também incorporado no C.E.P em França e em Inglaterra como chefe de uma missão militar.

De 1919 a 1926 foi Senador da República em quatro legislaturas consecutivas e ainda 2. e 1. Secretário dessa Assembleia e representou-a como vogal no Concelho Colonial. Por ter chefiado a revolução de 7.1.1927 contra o governo saído do movimento de 28 de Maio, foi separado do serviço de 15.11.1927 a 11.7.1930, tendo sido preso e deportado para Angola e reformado a 12.7.1930.

Passando pela ilha da Madeira por motivos de saúde, ali secundou o general Sousa Dias no movimento revolucionário eclodido no Funchal, sendo novamente preso e demitido do Exército em Abril de 1931, mas em 1937 foi reintegrado em situação de reforma.

A folha de serviços como militar regista dezenas de altos louvores e condecorações que depois da sua morte e, a após a revolução dos cravos (Abril 1974) passaram a poderem ser visionadas e que fazem parte de um espólio que pertence e está à guarda da Junta de Freguesia de Loriga. São realmente muitas as condecorações e louvores que recebeu, no entanto são apenas algumas as que aqui se registam: -Medalha de Ouro comemorativa das Campanhas do Exército Português com a legenda "Sul de Angola 1914-1915"; Medalha Comemorativa do C.E.P. com a legenda "França 1917-1918"; Medalha da Vitória com estrela; Cruz de Guerra 1.Classe; Grau de Oficial da Ordem de Torre e Espada com palma dourada; os Graus de Comendador das Ordens de Cristo e de Sant'ago de Espada e a Ordem de Mérito Militar de Espanha com distintivo branco.

Segundo relatos antigos, quando na passagem e, com alguma influência, pelos meios governamentais da época, o Sr. Coronel Mendes Reis conseguiu fixar em Loriga os Correios Centrais que eram já de grande necessidade, falta que se fazia sentir pois, nesses tempos, era já uma realidade o desenvolvimento das fábricas de Lanifícios nesta localidade.

Por motivo de todos os contornos e audácia ao longo da sua vida militar, passou a sentir-se vigiado pelo poder governamental, refugiando-se em Lisboa na sua casa e junto à família, onde velho e cansado viria a falecer com 98 anos de idade, no dia 19 de Novembro de 1971.



Emilia Mendes Brito
1874 - 1946

Nasceu em Loriga a 6 de Dezembro de 1874, mas desde muito nova era visível a sua piedade, talvez fruto do ambiente piedoso em que vivia, dedicando à

igreja da sua terra a sua total fidelidade, onde tratava da limpeza, no ornamento dos altares e dando catequese aos mais novos.

Vida de amor!.. Como ela passava horas sem fim diante do Sacrário!.. Como ela compreendia a virtude da humildade, junto do tabernáculo dum Deus infinitamente humilde!.. Como o publicano do Evangelho, jamais alguém a viu, que não fosse no lugar mais solitário do templo, entregue à oração mais concentrada.

Vivendo unicamente para o Senhor passava todo o tempo na igreja onde era sempre uma presença em continuada oração que o povo chamava Santa. Era tão grande a sensibilidade desta mulher na sua bondade, que chegava a deixar de comer o pão para com ele alimentar os animais ou os passarinhos que não saiam da sua porta

Mas não era simplesmente a oração que lhe absorvia todo o seu dia. Ela era igualmente a grande mulher de acção. Cobrava as quotas da sua queridíssima Propagação da Fé, inscrevendo novos associados, visitando os pobres protegidos pela Conferência de S. Vicente de Paulo e muitas das vezes se encontrava à cabeceira dos moribundos recitando-lhes o ofício da agonia, apontando-lhes o Céu como termo dos sofrimentos humanos.

Durante toda a sua vida assistiu às missas e recebeu a comunhão diariamente. As pessoas estavam já habituadas a ver aquela figura com as suas vestes a varrer o chão, passando pelas ruas sempre de olhos baixos como que desejando que ninguém a visse e, quando falava, a sua voz suave prendia todos aqueles que a escutavam, mas ela própria se arrepiava ao ouvir de alguém uma palavra maldosa por mais insignificante que fosse. Com 72 anos de idade adoece e pouco tempo depois, em 28 de Janeiro de 1946 ocorre o seu falecimento. Segundo relatos da época, parecia até haver um sorriso na sua boca, como que feliz, por partir para junto do Senhor a quem dedicou toda a sua vida.

O seu funeral foi um dia de muita tristeza para a população de Loriga, ao verem partir para sempre a sua Santa. A Junta de Freguesia cedeu a sepultura onde descansa eternamente, e o povo da sua terra, como prova de gratidão, mandou colocar a mármore.

Durante anos, e ainda hoje, se comenta a possibilidade do seu corpo se encontrar intacto na sua sepultura, pois segundo o povo "O corpo das Santas mantém-se tal como foi durante a sua passagem pela vida".



Maria Ermelinda Mendes Guimarães e Cunha
1881 - 1926

Nasceu em Loriga, era filha de Augusto Luís Mendes e de Eduarda Guimarães. Notabilizou-se como uma senhora de grande sensibilidade e de uma enorme ternura e amor pelos outros, principalmente para com os pobres da sua terra.

Desde muito nova se evidenciaram as suas qualidades de bondade e de amor pelo próximo, bem demonstradas na sua atitude para com os mais necessitados. Numa época em que em Loriga, a pobreza extrema era bem

visível, frequentemente, saía do seu Solar da Redondinha, a fim de visitar as casas dos mais carenciados, onde para além de esmola, levava carinho. A virtude de querer fazer o bem, aliada a outras qualidades, fizeram com que fosse adorada pelos pobres de Loriga. Para além das cestas com comida que mandava entregar em casa dos pobres, pelas suas criadas, intercedeu junto de seu pai para que fosse distribuída semanalmente uma esmola pelos mais carenciados, um gesto que se manteve durante muito tempo. Era uma excelente pianista, dando uma certa alegria àquele solar, quando o som das teclas do seu piano se faziam ouvir. Casou com o Sr. Fernandes da Cunha, vindo a ser mãe de quatro filhos. Faleceu no ano seguinte à morte de seu pai, com apenas 45 anos, deixando os filhos ainda muito novos. A sua morte causou grande consternação, e o povo chorou a sua perda. As cerimónias fúnebres foram realizadas na capela da Nossa Senhora Auxiliadora, na Redondinha, propriedade da sua família, sendo o seu corpo depositado no jazigo da família no cemitério local.



José Gomes Luís Lages
1881 - 1950

Nasceu em Loriga no lugar do Cabrum em 1 de Outubro de 1881, filho de José Gomes Luís Lages e de Ana Jorge.

Era o mais velho de três irmãos, que com o falecimento precoce do seu pai (com 24 anos) com apenas 8 anos e, após a abolição da escravatura no Brasil, viaja com o padrasto e o irmão António para este país, mais precisamente para o Rio de Janeiro.

Residiu no vale do Rio Paraíba e depois foi viver para Belém do Pará e também para Manaus, onde já existia uma vasta comunidade loriguense, que trabalhava no Café, na cana-de-açúcar e na borracha e onde consegue sobreviver à febre amarela, na altura muito comum naquela região. Teve a sorte de regressar a Portugal em 1900, enquanto o irmão partiria para Argentina que à semelhança de tanta gente de Loriga, nunca mais voltou à sua terra.

Em Portugal, começa por viver em Loriga com a irmã Teresa e com a avó paterna Emma. Depois trabalha com um primo em Mangualde até regressar a Loriga em 1902, para o casamento da irmã com José Gomes Luiz de Pina. Nesse mesmo dia, começa um namoro com a irmã do cunhado, com quem acaba por casar passado meio ano.

Por via da mulher, Maria Emília de Luís Duarte Pina entra na Fábrica do Regato de onde sai após a morte do cunhado José, por tifo, e em divergência com a sogra e os restantes cunhados.

Em 1929, trabalhou para Carlos Nunes Cabral e travou conhecimento e amizade com o Conde da Covilhã. Em 1930, após hipoteca das terras que herdou da avó no lugar do Cabrum, no "Portugal" e no Teixeira, perante o Conde da Covilhã contrai um empréstimo de 500 contos que serviria para construir a Fábrica das Lamas, aproveitando a levada de água que alimentava também a Fábrica da Redondinha.

Funda a Fábrica das Lamas e inicia a sociedade de Lanifícios Lages que posteriormente adopta as designações de Lages, Santos & Companhia, Lda e

mais tarde Lages Santos & Sucessores, Lda., não tendo já pertencido a esta sociedade que cessaria laboração em 1973 e que foi vendida por 500 contos em 1980 à firma Pedro Vaz Leal e Companhia.

Da memória dos netos, na sua maioria afillhados, fica a ideia de um homem que se gabava de travar amizade e histórias com salteadores e nobres e de ser de estatura notoriamente mais baixa que a esposa.

Católico e monárquico com um bigode com pontas encaracoladas e cicatrizes profundas nas mãos que passava muitas tardes a jogar às cartas com amigos de Loriga, como Joaquim Leitão, José Carreira e Pedro de Almeida, entre outros, no "Clube", que ficava na sua casa.

Durante a vida, dos 14 filhos que teve, perdeu dois rapazes (António e Augusto), finalistas da Faculdade de Coimbra com tuberculose e um filho (Isaac Luís) de sete anos, afogado no poço que posteriormente teve o nome pelo qual era vulgarmente conhecido, na Ribeira de Loriga.

No final da vida, fez as pazes com a família da esposa e viaja constantemente para Belas, onde visita a irmã, internada por demência após ter contraído meningite, em 1930.

Veio a morrer em Coimbra, em 11 de Dezembro de 1950, aos 69 anos, após internamento por acidente cardíaco. A sua casa no "Pátio", no local conhecido pela "Praça" em Loriga, continua a ser parte indivisível de todos os seus herdeiros.

Loriga viu partir mais um dos seus filhos, fundador de uma das suas Fábricas de Lanifícios, que o tornou num dos muitos industriais que contribuíram em muito para o engrandecimento da sua terra.



António Mendes Cabral Lages
1884 - 1969

Nasceu em Loriga em 23 de Agosto de 1884, filho de Augusto César Mendes Lages e de Rosalina Mendes Gouveia. Foi ordenado sacerdote em 18 de Julho de 1909, pelo Prelado D.Manuel Vieira de Matos na Guarda, tendo celebrado a sua primeira missa em 25 do mesmo mês em Loriga.

Pouco tempo depois foi colocado como pároco encomendado como se dizia na altura, na freguesia de Santa Maria de Manteigas e no ano seguinte foi nomeado pároco da freguesia de Aldeia da Ponte onde permaneceu até fins de Junho. Entretanto, como o seu tio e padrinho Monsenhor António Mendes Gouveia Cabral por motivos de saúde e impossibilitado de estar à frente da paróquia de Loriga, fez um pedido ao Prelado para a vinda para a sua terra, que viria a acontecer em Julho desse mesmo ano e na sua terra permaneceu como pároco cerca de 34 anos. Paroquiou também em Valezim, Alvôco da Serra e foi o maior impulsionador para a construção das capelas da Teixeira de Baixo, Frádigas e Fontão.

Formado em Teololgia no Seminário da Guarda além de sacerdote sentia-se político, sendo caracterizado pela sua frontalidade e determinação, defensor dos mais desfavorecidos e dos pobres. Conhecia bem as diferencias sociais existentes na sua terra, por vezes dizia não serem justas e que apesar de não concordar com elas, estranhamente era com elas mesmo que tinha um mais estreito relacionamento.

Muito devoto do Sagrado Coração de Jesus primava por ser um verdadeiro cristão. No entanto era, acima de tudo um disciplinador e exigente no ensinamento da catequese, tendo fundado em Loriga alguns organismos da Acção Católica que, mais tarde, o seu sucessor reorganizou.

Foi presidente da Junta de Freguesia de Loriga em 1944, nos anos da II Guerra Mundial, onde a lei e justiça eram superados pelos interesses dos mais poderosos e teve grandes problemas com os seus paroquianos. Talvez fosse essa uma das causas mais marcantes para que o Bispo lhe retirasse a paróquia de Loriga, tendo-lhe até sido retirado o direito de celebrar missa no altar-mor da igreja, vindo a ser substituído pelo Sr. Padre Prata natural de Manteigas.

Chegou mais tarde a ser pároco da localidade da Cabeça onde durante anos realizou ali obras de grande vulto e de valor, sendo o grande obreiro na edificação da igreja local de bela arquitectura.

Já velho e cansado com frequência se podia ver passar umas horas no café do "Zé Maria" ou no "Clube", mas muitas mais horas passava refugiado na sua casa a bater nas "teclas" da sua velha máquina, escrevendo as suas memórias que intitulava de "Para Constar" que infelizmente muitas delas se viriam a perder.

Possuidor de muitos bens, ainda em vida resolveu doar tudo à igreja paroquial, doação que foi importante para a Acção Social e Religiosa em Loriga, sendo instalada nesta vila uma Ordem de Irmãs, onde passaria a viver mais acompanhado e acarinhado o resto dos seus anos de vida e onde viria a falecer após doença em 19 de Fevereiro de 1969, com a idade de 84 anos.



António João de Brito Amaro
1890 - 1961

Natural de Loriga onde nasceu em 4 de Janeiro de 1890, foi um industrial e comerciante de sucesso, que muito contribuiu no desenvolvimento industrial da sua terra, e que se destaca, entre outros, na verdadeira expansão dos tecidos fabricados em Loriga para outras localidades nomeadamente ao mercado da Beira Baixa.

Na sua infância fez parte da Banda Musical de Loriga onde tocava cornetim. Era um cristão convicto e um verdadeiro católico praticante, possuidor de um coração bondoso tendo, ao longo da sua vida angariado a estima e amizade dos seus conterrâneos que, mesmo depois da sua morte o recordavam com saudade.

Após o seu casamento com Maria José Nunes Brito, também natural de Loriga, o casal rumou para o Brasil - Estado de Manaus. Ali adquiriu uma mercearia que tinha em anexo uma olaria iniciando, assim, a sua actividade comercial que o levaria a manter-se por lá durante alguns anos.

Regressou à sua terra em 1923, com alguns dos seus filhos ainda muito pequeninos, e que entretanto por lá tinham nascido e, mais tarde, o casal voltaria a ter mais filhos, mas desta feita nascidos em Loriga.

No ano seguinte (1924) fundou em Loriga uma sociedade do ramo de lanifícios com os cunhados António e Alfredo Nunes Luis. Um ano mais tarde

(1925) e na ideia de expandir as vendas dos tecidos que nesta localidade se fabricavam e ainda para estarem mais perto dos clientes na Beira Baixa, para onde se destinava a grande parte dos mesmos, compraram uma loja de mercearia na Covilhã, centro industrial por excelência, alterando a gerência da dita casa comercial com o sócio António Nunes Luis, um mês na Covilhã e outro em Loriga.

Esta casa comercial na Covilhã viria a encerrar em 1935, passando a Sociedade a ter os seus negócios sediados apenas em Loriga. Entretanto esta sociedade é extensiva a mais familiares, com a finalidade de se expandirem um pouco mais na indústria de lanifícios, tendo nesse mesmo ano arrendado a Fábrica da Redondinha (Augusto Luis Mendes & Comp.). Os sócios nomearam-no como gerente da dita fábrica, funções que viria a desempenhar até 1953.

Foi também um dos sócios fundadores da fábrica Nunes Brito & Comp., criada em Loriga no mês de Fevereiro de 1948, que nessa época passou a ser uma das mais modernas.

No ano de 1939 acontece o falecimento de sua esposa, Maria José Nunes Brito (28.10.1887 - 15.6.1939) com a idade de 51 anos, uma mulher muito sensível no seu trato e dotada de uma inteligência pouco vulgar para a época onde, o seu grande sentido de administração, contribuiu parte muitos dos êxitos nos negócios do marido. A morte de sua esposa foi um duro golpe que abalou profundamente o Sr. António João.

Esta figura de Loriga viria a falecer em 5 de Fevereiro de 1961, ficando esta Vila mais pobre ao ver desaparecer mais um dos seus maiores industriais que em muito contribuiu na divulgação e expansão da indústria de lanifícios da sua terra.



Carlos Simões Pereira
1890 - 1977

Nasceu em Loriga em 9 de Agosto de 1890. Segundo se sabe, parece ter nascido para a música e, quando surge a ideia da fundação da Banda nesta vila, passou logo a fazer parte dela, aprendendo música com o mestre espanhol que viria a ser o primeiro regente.

Eram tão grandes as suas qualidades para a música, que depressa aprendeu o suficiente e, em 1911, com apenas 21 anos, passou a ser o regente da Banda de Loriga funções que viria a desempenhar até 1914.

Emigrou um dia tendo como destino o Brasil, onde esteve sempre em contacto com a música, fazendo mesmo parte e sendo até regente de diversas tunas.

Regressou a pedido da família mas, mais tarde, partiu novamente, desta feita até ao Congo (África), mas só, que por lá, não esteve tão perto da música como desejaria.

Regressou a Portugal e a Loriga por altura de 1937, e é ainda com mais intensidade que se dedica à música, e entra novamente como músico na Banda da sua terra ocupando-se, também, a ensaiar o Grupo Coral da Igreja Matriz.

Era homem de verdadeiro sentido de interpretação musical, exigente, disciplinado e educador, ficando para sempre ligado como uma legenda pelas gerações de músicos que com ele muito aprenderam e, que a instituição musical desta localidade muito lhe ficou a dever. Pensou e reuniu uma

série de músicas brasileiras que depois transcreveu para a banda executar com o título de Rapsódia Brasileira, assim como, copiou e aperfeiçoou muitas peças musicais, algumas das quais foram tocadas pela Banda de Loriga.

Foi regente da Banda Musical de Loriga, de 1911-14; de 1922-24; de 1951-61 e de 1966-68, era também, acima de tudo, um cristão convicto que muito fez pela igreja da sua terra, tendo ainda, e durante muitos anos, desempenhado as funções de Regedor da Freguesia.

Nos anos da década de 1950 e principio de 1960, consegue elevar a Banda Musical de Loriga a altos níveis e que ficaram famosos na história desta instituição. Entre outros feitos, recorda-se quando, entre muitas outras Bandas, foi a Banda Musical de Loriga honrada a tocar o Hino Nacional ao Cardeal António Cerejeira nas Festas da Rainha Santa realizadas em Coimbra no ano de 1956.

O "Mestre Carlos" como popularmente assim era chamado, deixa de colaborar na Banda já velhinho, afastando-se completamente aos oitenta anos, vindo a falecer em Loriga no dia 13 de Agosto de 1977 com 87 anos.



António Cardoso de Moura
1892 - 1967

Nasceu em Loriga, em 20 de Janeiro de 1892, filho de Emídio Cardoso de Moura e de Benedita Luiz Moura.

Uma vida recheada de múltiplos aspectos, teve na sua inteligência a virtude de angariar considerável fortuna, que foram frutos para que ao doá-los à sua querida terra, se tornaria no maior benemérito da Vila de Loriga.

Nascido de uma família humilde, passou os primeiros anos entre a educação de seus pais e a frequência escolar, tendo obtido o diploma da 4ª. classe na Guarda.

Tinha apenas 11 anos quando foi para o Brasil, com a sua família, trabalhou em diversos estabelecimentos comerciais, mas cedo começou a alimentar a ideia de se emancipar profissionalmente, assim aos 17 anos iniciou o trabalho por conta própria, e foi tão evidente a sua qualidade de trabalho, que se veio a impor-se como verdadeiro comerciante.

Posteriormente viria a construir a primeira sociedade com o conterrâneo José Fernandes Gomes, surgindo assim a "União" para impor no conceito geral como casa de sólida constituição e renome no meio comercial.

Todavia, seria na sua terra que não esquecia, que viria a começar novo ciclo, ao associar-se com alguns cunhados na constituição da firma industrial Moura Cabral & Comp.

Homem de brio e de excepcionais qualidades de trabalho, que vindo de um meio comercial diferente para uma actividade industrial completamente desconhecida, veio a firmar-se como um orientador perspicaz, aliando ao exemplo de homem activo e de nobreza de trato, que fazia de cada fornecedor ou cliente um amigo.

Desempenhou funções públicas tanto na Junta de Freguesia da sua terra, como também na Câmara Municipal de Seia, onde foi vereador durante muitos anos. Tinha o lema de acarinhar todas as obras ou iniciativas que tinham

por fim desenvolver ou valorizar a sua terra, tendo mesmo pelos seus conterrâneos um certo carinho, que tentava por certos meios proteger, com todos colaborava e a todos subsidiava.

Os desprotegidos da sorte ou instituições loriguenses, muito dele receberam, não só no incentivo moral, bem como material, como nunca ninguém o tinha feito.

Era casado com D. Eduarda Mendes Cabral e Moura (11.11.1894 - 3.3.1971), onde a formação moral e cristã de ambos, se manifestou ao longo de 55 anos do casamento.

Se a sua vida não bastasse para constituir um hino de exaltação ao trabalho generoso e honrado, à riqueza de carácter e à generosidade esclarecida, quis ainda prolongar para além da morte esse mesmo lema, deixando a maioria dos recursos tão laboriosamente adquiridos à sua terra Natal.

Depois da sua morte e perante a doação feita a Loriga, foi constituída a Fundação Cardoso de Moura, sendo o prédio em que viveu este ilustre loriguense, situado na Rua Coronel Reis (antiga Amoreira), aquele que mais tem sido utilizado em prol da comunidade desta localidade. Já ali esteve sediado, a Junta de Freguesia; a Banda de Loriga; os Bombeiros quando a sua fundação; a Biblioteca; os CTT, enquanto se procediam a obras no edifício dos correios, assim como, foi utilizado com as máquinas da Associação da 3ª Idade, enquanto não tinham sede, também funcionou ali o Curso dos Tapetes de Arraiolos e os Cortes e actualmente funciona ali o Posto de Informação Turística.

Faleceu em 31 de Outubro de 1967, em Lisboa, com a idade de 75 anos, sendo o seu funeral realizado para Loriga, para ser sepultado no cemitério local, conforme sua vontade.

Os seus conterrâneos quiseram estar presentes, tomando em massa, parte activa nos ofícios fúnebres e missa, numa expressão sentida de estima e admiração. Esta presença espontânea de toda a freguesia, foi sinal de gratidão que tinham na alma, pois nesta altura ainda ninguém sabia das suas últimas vontades.

António de Brito Pereira
1895 - 1987

Nasceu em Loriga, em 17 de Maio de 1895, filho de António Pereira e de Emília Lopes de Brito.

Desde muito novo começou a ter um gosto especial pela Banda, onde ingressou, vindo a notabilizar-se ao tocar diversos instrumentos, mas seria o Bombardino, a consagrá-lo, dizem até, que era um verdadeiro artista a tocar esse instrumento.

Homem humilde, de poucas falas, sofreu na carne a sua condição social. Alfaiate de profissão, ou por necessidade, era no entanto, a música que mais lhe estava no coração.

Era do pão que lhe faltava em casa, cujo filhos bem sentiram. Só que em vez de cortar mais pano, copiava papéis de música horas e horas sem conto. Só que em vez de alinhar mais, perdia-se no sonho belo da cultura musical da sua terra.

Foi regente da Banda de Loriga, quando era ainda relativamente muito novo, funções que viria a desempenhar muitas mais vezes. No total deve ter estado na regência da Banda de Loriga cerca de 30 anos.

Trabalhou sempre incansavelmente para não deixar acabar a Banda da sua terra, porque em determinada altura parecia agonizar, devido a uma boa parte de loriguenses partirem para outras paragens, nomeadamente Sacavém e Brasil.

Esteve arredado da Banda Musical durante 30 anos, sofrendo interiormente

quase um degredo. E era fácil vê-lo escutando a sua Banda, procurando ser discreto, mas a paixão não o deixava ocultar. Voltaria novamente à regência da Banda Filarmónica da sua terra, depois de todos esses anos, já velhinho, uma vez mais para a salvar.

Popularmente mais conhecido por "Mestre Barriosa", foi a muitos que ensinou música, passando-lhe pelas mãos quase todos os executantes da Banda de Loriga no seu tempo, até se dizia que era "ele a fazer a Banda, e depois eram outros a possuí-la".

Sendo pessoa de bem tinha na sua modéstia, uma virtude, que ao longo dos tempos lhe fez angariar a estima, a amizade e o respeito dos seus conterrâneos.

Chegou a ser regente de outras Bandas, a de Silvares e depois a de Candosa, mas nelas não "murou" muito tempo, pois a Banda de Loriga e a sua terra, para ele eram tudo.

Era casado com Maria dos Anjos Alves Dinis, e pai do Albano, Manuel, João, António e Idalina, que tal como o pai muito viriam a fazer pela comunidade loriguense.

Faleceu velhinho e cansado em Loriga, no dia 24 de Junho de 1987, o funeral foi realizado para o cemitério local onde ficou sepultado.

Perdendo Loriga um dos seus filhos queridos, que adorando a sua terra, acima de tudo amava a sua Banda, que por ela, grande parte da sua vida lutou, para que continua-se a manter-se bem viva e bem activa.

José Lopes de Macedo

1897 - 1974

Nasceu em Loriga em 13 de Dezembro de 1897. Deixando a sua terra com destino a Belém-Pará Brasil ainda muito jovem. Estudou na Phenix Caixerai Paraense, onde concluiu o curso de Contador, vindo a ser um dos mais competentes profissionais numa época em que o ensino contábil no Pará ainda não era ministrado a nível superior.

Patriota sincero, trabalhou na administração de todas as associações portuguesas luso-brasileiras, existentes no seu tempo e, presidiu por alguns anos no Centro Loriguense de Belém, do qual foi um dos seus fundadores, assim como foi membro de destaque da União Comercial do Prará-Brasil.

Notabilizou-se nos desportos náuticos, onde alcançou vitórias para a TUNA, Luso-Brasileira, quando participou de guarnições de remo, que alcançaram o primeiro lugar nas regatas, conquistando troféus para a Entidade que representavam e medalhas de ouro individuais.

Grande entusiasta da Obra da Associação do Pão de Santo António, de amparo às pessoas da terceira idade, juntamente com a sua esposa D. Josefina, prestaram aquele organismo, relevantes serviços onde durante muitos anos colaboraram em todas as promoções para angariar fundos para a manutenção dessa notável entidade filantrópica.

Homem notável e de boas maneiras, apesar de tudo não esquecia a sua terra, sempre pronto a contribuir quando havia iniciativas a favor dela.

Faleceu no Hospital da Beneficente Portuguesa em Belém - Brasil, em 23 de Março de 1974, vendo Loriga desaparecer mais um dos seus filhos que longe se notabilizou.

Emídio Gomes Figueiredo

1897 - 1969

Nasceu em Loriga, e era filho de Manuel Gomes Figueiredo e de Maria Gomes Lages. O "Ti Emídio Correia" como popularmente era mais conhecido, foi um

dos maiores pastores da Serra da Estrela, senão mesmo o maior e foi, na realidade, uma referência tradicional dos tempos passados dum pastor loriguense verdadeiramente serrano.

Pai de oito filhos, era um homem bom, honrado e simples, era conhecido por todos e com todos ele gostava de falar. A dedicação aos seus rebanhos era algo de impressionante, procurando para eles os melhores pastos que pudessem existir por toda a serra.

A serra era o seu mundo, onde passou toda a sua vida como pastor, sendo considerado por muitos, o último guerreiro lusitano dos Montes Herminios. Ao longo da sua vida teve sempre muitas histórias para contar da serra e dos seus cães, autênticas aventuras, que os mais novos as ouvindo as tornaram lendárias.

Praticamente desde criança trabalhou no campo, vivendo da agricultura, mas foi à pastorícia que ele dedicou toda a sua vida, passando metade do ano na serra sem vir à povoação, onde guardava a maioria dos rebanhos da região, chegando mesmo a ser o pastor com o maior rebanho na Serra da Estrela. Há relatos até que dão conta de ter à sua guarda cerca de 10.000 cabeças de gado.

Para os seus conterrâneos, o "Ti Emídio Correia", era um símbolo, e tinham por ele enorme admiração e respeito. A sua fama de grande pastor era bem conhecida por todos, tendo um dia sido fotografado, assim como, seu irmão Manuel, também ele um grande pastor, passando a partir de então a figurarem em postais ilustrados como pastores modelos da serra, postais esses que passaram a fazer parte das séries da Serra da Estrela.

Conhecia a serra palmo a palmo, percorria caminhos que só ele conhecia, bem como conhecia todos os segredos e mistérios desse mundo serrano que, apesar de ser rude ele o adorava e considerava seu, mesmo, quando uma ou outra vez se sentia frustrado ao sentir-se impotente para lutar com a serra, quando esta era rigorosa e descarregava a sua ira por todo o lado e o impediam de conseguir para os seus rebanhos os melhores pastos.

Com a pele enegrecida pelo sol, e pelas aragens frias e rígidas da serra, ainda hoje muitos dele se recordam, quando, ao escurecer, o viam chegar à povoação ou, mesmo estando em suas casas ouviam os seus passos lentos e pesados, arrastando as suas botas cardadas por brochas, ansioso por chegar a casa, e desfrutar um pouco do calor do seu lar e do amor da sua família. Pela manhã, e bem cedo ainda, lá partia novamente, voltando para o seu mundo, onde só ali se parecia sentir bem.

Num começo de dia, que parecia igual a muitos outros, o velho pastor prepara-se para mais uma saída com o seu rebanho, coloca ao ombro a velha sacola com a "buchá", pega no seu inseparável cajado, prepara-se para se pôr a caminho.

Começa a sentir-se mal, senta-se nos degraus da palheira da Tapada do Amial e, possivelmente deitando um último olhar em seu redor, tranquilamente adormece no sono eterno, quem sabe feliz por deixar esta vida dos vivos, longe da povoação e num mundo que foi todo a sua vida - a serra.

Algum tempo mais tarde é encontrado por sua mulher naquele local, onde parecia existir uma verdadeira paz eterna. Junto dele, o seu cão e fiel amigo, fixava o seu olhar no velho pastor, e chorava parecendo um humano, cenário que não mais foi esquecido por aqueles que ali acorreram. Esse mesmo, cão com tal desgosto, deixou de comer e pouco tempo depois morreu também.

Faleceu com 72 anos de idade, e o seu funeral realizou-se com verdadeiro pesar pelos muitos dos loriguenses que o acompanharam ao cemitério local, onde ficou sepultado.

A serra pareceu também ficar triste, não vendo mais chegar até ela, um dos seus últimos guerreiros lusitanos, o velho pastor de Loriga.



Pedro Vaz Leal
1900 - 1964

Natural da Póvoa da Atalaia (Beira Baixa), onde ocorreu o seu nascimento em 8 de Março de 1900.

Completo a instrução primária na sua terra natal, que deixou ainda novo, seguindo com destino a Loriga para se empregar na oficina do Sr. António Ferreira situada no Cabeço. Anos mais tarde casou com D. Alzira Machado natural desta localidade.

Jovem inteligente e com vocação para aprender, depressa adquiriu uns certos conhecimentos da arte de ferreiro, que levaria a tornar-se em pouco tempo num brilhante profissional. Desde logo, e como também era dotado de uma certa ambição, e pretendia alargar os seus horizontes, pensou não ser, a oficina onde trabalhava, um lugar de futuro. Não foi, por isso, de estranhar a sua mudança para outro lugar, partindo para perto de Lisboa, onde se empregou desempenhando a profissão de ferreiro, dando ainda assistência às máquinas agrícolas nas quintas dessa região.

Em 1931 regressa a Loriga para trabalhar por conta própria e, com alguma ajuda, alugou a velha forja do Cabeço, iniciando assim um trabalho cujo crescimento era bem visível e, a partir daí não mais parou. Não se contentando só em trabalhar para Loriga, depressa alargou o seu trabalho para o exterior, não tardando mesmo a ser um dos fornecedores mais creditados das Minas da Panasqueira, sendo ainda no Cabeço, o construtor das primeiras vagonetas para transporte do minério.

Aumenta os quadros do pessoal, abre uma nova oficina já mais moderna no Terreiro da Lição, junto com a sua habitação onde sempre viveu. A expansão da sua firma continua a registar grandes progressos, por isso resolve fazer uma fundição na Vista Alegre com serviço automóvel e venda de combustível, acabando mais tarde por fazer novas instalações para onde passaria todos os serviços. Anos mais tarde, e já depois da sua morte, a sua empresa viria adquirir a antiga Fábrica das Lamas podendo, assim, alargar-se ainda mais em Loriga.

Sempre caracterizado por trabalhador patrão, teve sempre presente a preocupação de que os seus empregados adquirissem cada vez mais conhecimentos e melhor valorização profissional. Por isso mesmo, a sua Oficina passou a ser uma Escola Técnica que proporcionou, a muitos jovens que por lá passaram, a profissionalização naquela área.

A Metalúrgica Vaz Leal, foi uma das maiores Firmas de Loriga, e chegou a ser uma das principais do distrito da Guarda e uma das melhores do Concelho de Seia.

Era casado com Alzira Gomes de Pina Leal (28.8.1906 - 7.9.1961) virtuosa senhora de bondade para com os pobres. Aos 64 anos, e após doença prolongada, em 14 de Junho de 1964 morre o Sr. Pedro Vaz Leal. Ficou sepultado em Loriga, à qual ficou para sempre ligado e que, apesar de não ser natural desta localidade ele dizia ser também sua. Na realidade, assim pareceu ser, tendo sido considerado um dos maiores obreiros no desenvolvimento da Vila de Loriga, pelo contributo dado ao longo da sua vida.

Francisco Mendes Campos
1901 - 1957

Nasceu em Loriga em 18 de Fevereiro de 1901, ficando orfão de pai e mãe, ainda com tenra idade. Foi uma personalidade de destaque na Colónia Loriguense de Belém, nas décadas de 1920/50, distinguindo-se como homem de letras, contribuindo também em muitas iniciativas em prol da sua terra. Após a morte dos seus pais, passou a ser criado aos cuidados da avó paterna Emília, que lhe dispensou especial carinho pelo que lhe ficou muito grato, manifestando publicamente, isso mesmo, num sentimental artigo publicado no "Jornal Lusitano" editado em Belém e no qual foi secretário. Foi para Belém do Pará, antes de 1920, onde possuía um tio paterno e outros familiares, formou-se na Escola Prática de Comércio, mantida pela Associação Comercial do Pará, e na qual foi um dos mais brilhantes alunos. Ainda muito cedo manifestou a sua inclinação para o ensino, sendo um excelente mestre de português e de contabilidade, exercendo o magistério na Escola Prática, Phenix Caixeiral Paraense, Grémio Literário Português e Curso Ciências e Letras. No Grémio foi vice-presidente e director de curso.

Foi sócio e pertenceu aos corpos administrativos da Beneficente Portuguesa, Associação "Vasco da Gama", Tuna Luso Comercial, Liga Portuguesa de Repatriação, Phenix Caixeiral e Grémio Lusitano. Foi durante muito tempo um assíduo colaborador dos jornais "Lusitano" e "A Colónia" com artigos patrióticos e em defesa de portugueses que eram vítimas de ataques e perseguição de uma minoria dotada de xenofobia. Embora muito novo os seus artigos demonstravam fina sensibilidade. Assim os artigos "À minha Mãe além-túmulo"; "À minha Avó"; "À minha afilhada Vitória" outro sobre o escritor Gomes Leal e ainda uma réplica ao Padre Dubois por causa do poeta Guerra Junqueiro e, também pelo que escreveu contra o Marquês de Pombal, essas réplicas demonstraram grandes conhecimentos e uma maneira própria de o descrever.

Em 1923 transferiu-se para Recife, onde se manteve pouco tempo, regressando novamente a Belém. Exerceu o cargo provisório de arquivista no Consulado de Portugal onde a sua inteligência e zelo nas funções ali desempenhadas, eram bem reconhecidas por todos.

Viria a falecer ainda novo em 3 de Dezembro de 1957, no Hospital de D.Luiz I em Belém - Brasil, tendo sido sepultado no cemitério de Belém. Loriga foi o seu berço, mas foi em terras distantes que viveu e se notabilizou, e onde ficou também eternamente.



José Fernandes Conde
1901 - 1972

Nasceu em Loriga em 16 de Maio de 1901, filho de António Fernandes Conde e de Ana Mendes de Moura.

Foi durante muitos anos o varredor das ruas de Loriga e também coveiro com a nobre missão na "Obra de Misericórdia" de enterrar os mortos. Além disso tinha como muitos dos seus familiares a natural habilidade de trabalhar as pedras. Homem robusto, de caris temperamental, no interior era um coração de bondade. Cumpridor como poucos, era vê-lo logo pela manhãzinha orientando

as águas nos regos, cujos canos ficavam entupir com lixos domésticos, que as mulheres ainda lusco-fusco deitavam nas águas correntes. As carências económicas e outras originavam que as pessoas fossem menos limpas. Era assim no tempo em Loriga com cerca de 4000 almas, tiremos daí as conclusões sobre a lida deste homem.

Brioso, varria as rua como ninguém. Era vê-lo constantemente a fazer as suas próprias vassouras, com ramos de azinho e quando encontrava os miúdos nos regos a fazer traquinices, desviando-lhe as águas, corria-os com estas palavras "ide embora senão levais com o vassouram".

Como coveiro tratou do cemitério de Loriga como poucos o fizeram. As campas na altura eram na maioria térreas, e o "Ti Zé Conde" a todos tratava com o mesmo carinho. Sabia quem tinha sido sepultado em cada còvado e por ordem de datas, tinha na sua cabeça aquilo que a Junta de Freguesia devia ter no papel, e não tinha.

Quantas vezes este homem se levantou no meio da noite para abrir covas sozinho, debaixo de chuva e vento, para os funerais a realizar logo de manhã cedo.

Mal pago pela Junta de Freguesia ignorado ao dever que tinham para com ele, sujeitava-se a receber alguma coisita que no dia dos finados lhe depositavam no bolso. Quem não se lembra de o ver à porta do cemitério, recebendo os seus mortos, com o chapéu na mão em sinal de grande veneração. Foram muitos anos e, muitas as centenas de Loriguenses que este homem desceu à terra.

Era casado com Maria dos Anjos Brito Conde, tiveram quatro filhos, José, António, Adélia os três já falecidos e Maria do Carmo ainda viva.

Deixou o reino dos vivos em 20 de Janeiro de 1972, sendo sepultado no seu cemitério que tantos anos da sua vida ali passou. Os Loriguenses viram assim partir um dos seus conterrâneos que se a sepultura aos mortos é sem dúvida uma obra de misericórdia, este homem pelas que praticou na sua terra, está de certeza junto do Misericordioso Deus, gozando a eterna Paz.



Adelino Pereira das Neves
1901 - 1979

Natural de Santa Ovaia, onde nasceu em 15 de Julho de 1901, filho de António Francisco e de Maria dos Prazeres Pereira.

Fixou-se em Loriga em 1925, logo após a construção da estrada que passou a ligar São Romão à Vila de Loriga.

Criou uma carreira de transporte de passageiros, com um pequeno autocarro, de que era proprietário.

Em 1931 fundou uma empresa de transportes públicos, "Auto Viação Serra da Estrela" já então com outras camionetas de passageiros, que ia de Loriga à estação ferroviária de Nelas.

Em 1948, esta empresa foi vendida à Companhia de Transportes Hermínios, que passou a operar na região de Seia.

Já na condição de aposentado, teve um carro de praça de que era proprietário e, durante algum tempo, exerceu essa actividade.

Faleceu em 7 de Janeiro de 1979 em Coimbra, sendo sepultado no cemitério de Loriga.



Constança de Brito Pina
1901 - 1981

**Grande parte da sua vida dedicou
A quem vem ao mundo é para viver
De mãos suaves e até milagrosas
Muitos Loriguenses ajudou a nascer**

Nasceu em Loriga no dia 9 de Junho de 1901, filha de Plácido de Moura Pina e de Maria Tereza Luis de Brito. Foi durante mais de 40 anos a "parteira" da sua terra natal.

Eram épocas há muito passadas, quando os nascimentos das crianças tirando uma ou outra excepção ocorriam nos domicílios. Por isso, de maneira alguma se poderá ignorar uma pessoa notável que através dos anos, décadas e gerações, prestou assistência a esses muitos nascimentos e que ficou para sempre registada como uma referência e uma legenda de Loriga.

Com dignidade e amor à sua terra e aos seus conterrâneos, assistiu e ajudou a nascer gerações de loriguenses, ocorrendo ao chamamento a qualquer hora do dia ou noite, nunca se preocupando se a assistência que ia prestar era para rico ou pobre, nunca exigindo qualquer renumeração e, alguma gratificação que lhe ofereciam, era consoante as posses de cada um. Por tradição era a Sra. Constança que no dia do baptizado, levava ao colo os bebés que tinha ajudado a nascer. Por isso, perdeu o conto de quantos levou à igreja Matriz para receberem o baptismo, dado que foram décadas de anos em que a população se habituou a vê-la com os seus cabelos da cor da neve, a caminho da casa de Deus, sendo até uma das pessoas mais conhecidas de Loriga.

Entretanto os tempos mudaram, e os nascimentos deixaram de ser nas próprias casas e aos poucos foi deixando de ser solicitada. Decorria então o ano de 1975 quando, definitivamente, deixou de prestar assistência de "parteira". Era casada com José Pinto Romano.

Faleceu em 22 de Abril de 1981, ficando Loriga mais pobre ao ver partir, de certeza para o Céu, a mulher que durante uma vida inteira, foi a primeira a ver um Loriguense a nascer.

Nota:- No dia 15 de Agosto de 2002, numa homenagem singela, esta figura passou a fazer parte na Toponímia de Loriga, ao ser atribuído o seu nome a uma das ruas desta localidade.



José Mendes Garcia
1901 - 1985

Nasceu em Loriga, no ano de 1901, filho de José Mendes Garcia e Maria Teresa Garcia.

Homem simples, dotado de um coração generoso e uma alma grande. Trabalhador da industria de lanifícios no sector da ultimação, ficou de velho quando as portas do seu "Regato" não mais se abriram para voltar a sentir o martelar dos seus pisões.

Ao falar-se no "Ti Garcia" como popularmente assim era chamado, com naturalidade é recordado ligado à "Amenta das Almas". A ele se ficou a dever, pelo seu desempenho, preservação e continuação desta mais antiga tradição que Loriga se orgulha de ter.

De uma voz grave, taciturna, monocórdica, cantou vezes sem conto, pedindo orações pelos mortos, durante cerca de 60 anos, em todas as semanas quaresmais de cada ano.

Com ele cantaram várias gerações que seria difícil aqui descrever. Nunca faltava, até porque o ajuntamento se fazia na sua modesta casa, onde nunca faltava os figuitos e a aguardente que carinhosamente a esposa, Tia Cândida, deixava já em cima da mesa toalha de branco.

Para o "Ti Garcia" cantar a "Amenta da Almas" era como que sagrado. Essas noites da quaresma, para ele, era de grande respeito, exigindo mesmo a todos que o acompanhavam, um silencio sepulcral, dizia ele, que só assim os corações podiam ouvir e rezar. Distribuía os pontos, para cantar, sempre com a aprovação de todos, porque ninguém teria a coragem de contrariar o homem cujo exemplo era o próprio a dar.

Muito crente e devoto, era homem de bem. Se a Fé a todos acompanha, não deverá haver dúvidas, que este homem não pode estar noutra lugar senão junto a Deus.

Após a passagem do centenário do seu nascimento, foi finalmente prestada uma justíssima e singela homenagem, pena foi, ter pecado por tardia. Em 8 de Março de 2003, a Junta de Freguesia de Loriga, mandou colocar uma placa evocativa, na casa onde viveu durante grande parte da sua vida, perpetuando assim para as gerações vindouras o nome desta figura loriguense.

Foi casado com Maria Cândida Martins de Ascensão, e desse casamento tiveram os filhos:- António, Emídio, Eduardo, Mário, Laurinda e Irene.

Faleceu em 17 de Agosto de 1995 na Guarda, o funeral realizou-se em Loriga para o cemitério local onde ficou sepultado, sendo muitos os loriguenses que o acompanharam à sua última morada. Loriga ficou mais pobre ao ver partir um dos seus filhos, que muito lutou para que a tradição mais antiga desta localidade não morresse e para que continua-se a manter-se bem viva de geração em geração.



**Irene Almeida Abreu
1904 - 1982**

Nasceu em Loriga em 3 de Agosto de 1904, filha de Pedro de Almeida e de Maria Adelaide Abreu Amaral.

Professora de reconhecido mérito, sempre muito dedicada aos seus alunos, tendo herdado os atributos de seu pai, Professor Pedro de Almeida, na

missão de ensinar as primeiras letras às crianças.

Exerceu o magistério em Loriga, durante quarenta e um anos. Ensinou gerações de alunos, cujos testemunhos evidenciam o rigor, o empenho e o elevado nível de exigência que colocava nos seus ensinamentos, e que se traduziam nos bons resultados por eles obtidos.

Casou com Alberto Pires Gomes, também professor primários, que tinha sido colocado em Loriga, onde se radicou.

No dia 22 de Dezembro de 1974, foi homenageada, bem como, o seu marido professor Alberto Pires Gomes, numa significativa homenagem que os antigos alunos de várias idades quiseram prestar, como reconhecimento pelas suas virtudes de grande educadora e à qual se associaram vários organismos de Loriga, Junta de Freguesia e Banda da Música, que acompanhou os cânticos na missa que foi realizada inserida nessa homenagem.

Além de muitas pessoas que associaram à esta homenagem, esteve também presente muitos familiares desta distinta senhora, entre eles o seu sobrinho Dr. Almeida Santos na altura ministro da Coordenação do Território.

A Junta de Freguesia de Loriga, também como prova de gratidão, decidiu com justiça, que o nome desta ilustre professora passasse a fazer parte da Toponímia de Loriga, sendo atribuído o seu nome a uma das ruas do Bairro das Penedas, logo após este ter sido construído.

Faleceu em Loriga, com 78 anos de idade, no 2 de Abril de 1982, perdendo Loriga uma senhora de grandes virtudes, sendo sepultada no cemitério local.



António Moura Pina
1907 - 1988

Nasceu em Loriga em 15 de Setembro de 1907. Ainda novo foi aprendiz de tecelão, mas foi a profissão de sapateiro que ele viria desempenhar durante toda a sua vida, que o tornou um grande oficial nesta arte e com certa fama nos arredores.

Homem popular e de boas maneiras, notabilizou-se por uma juventude de boémio, trovador, comediante, cantando serenatas que deleitavam os ouvidos das moças dos anos da década 1920 em Loriga. Nos bailes, vestia-se de mulher, fazendo crítica de tudo que lhe parecia errado na sua terra sendo, por isso intitulado de "desavergonhado".

Sempre de grande dedicação à música, passa pela Banda de Musical, ensina ainda viola e bandolim a muitos estudantes que se reuniam na sua sapataria que, mais parecia um local de verdadeiros concertos musicais, sobrando-lhe ainda tempo para fazer parte do Grupo Coral da igreja matriz, tocando o órgão.

Verdadeiramente religioso, foi sempre um fiel servidor da igreja, ensaiado diversos grupos litúrgicos, sendo até um dos fundadores da Liga Eucarística dos Homens. Durante muitos anos exerceu ainda as funções de zelador da Irmandade, cargo que desempenhou com muita vocação e muita eficiência na organização das procissões, na distribuição das velas, na montagem trabalhosa da Essa ("Ercia" como era assim chamada pelo povo), para os funerais e o respectivo anúncio, logo pela manhã, dando volta à

rua com a campainha na mão.

Grande entusiasta pelo teatro amador que se realizava em Loriga, tinha verdadeira jeito na arte de representar, fazendo rir a plateia.

Simultaneamente ensaiava e tocava ele próprio as músicas tanto à viola como ao bandolim sem nunca se cansar.

Era Casado com Idalina Mendes Luis (21.4.1911 - 20.8. 1966). O Senhor António "Calçada" como popularmente assim era chamado, foi pai de 9 filhos, vindo a sofrer imenso com a morte do seu filho António, muito perto de ser Padre. Loriga já se congratulava com a ordenação de mais um sacerdote, mas por imposição dos meios eclesiásticos, esta ordenação, não se veio a concretizar. Tudo isto dois anos antes de ter ocorrido a morte deste seu filho.

Apesar de a doença o ir vitimando aos poucos, trabalhou até ao fim da sua vida, com o mesmo entusiasmo de sempre, passa os últimos tempos a caminho da Senhora da Guia e do cemitério rezando o terço. Veio a falecer no dia 27 de Novembro de 1988 e Loriga viu desaparecer um homem do povo que tocou música, cantou, representou, fez rir e provavelmente também fez chorar.



Alberto Pires Gomes
1910 - 1979

Nasceu em 28. de Junho de 1910. Colocado em Loriga, como professor primário, ali se radicou, onde veio a casar com D. Irene Almeida Abreu, também professora.

Eram sobejamente conhecidas as suas qualidades como pedagogo, não só pelos seus colegas como também pelos seus alunos.

Leccionando em Loriga durante longos anos, foram bem reconhecidos os grande benefícios que espalhou por esta localidade, ensinando gerações e gerações de loriguenses.

No dia 22 de Dezembro de 1974, foi homenageado, bem como a sua digníssima esposa, professora D. Irene Almeida Abreu, numa significativa homenagem que os seus antigos alunos de várias idades lhe prestaram, como reconhecimento pelas suas virtudes de grande educador e à qual se associaram vários organismos de Loriga, Junta de Freguesia e Banda da Música, que acompanhou os cânticos na missa que foi realizada inserida nessa homenagem.

Foram na realidade muitas as pessoas que quiseram estar presente nesse dia, vindo mesmo de fora antigos alunos, para todos juntos lhe demonstrar toda admiração, afecto e estima que tinham por tão nobre professor, que fez de Loriga a sua terra

A Junta de Freguesia de Loriga, também como prova de gratidão, decidiu com justiça, que o nome deste ilustre professor fizesse parte da Toponímia de Loriga, sendo atribuído o seu nome a uma das ruas do Bairro das Penedas, logo após este ter sido construído.

Faleceu em 6 de Outubro de 1979, em Loriga, com a idade de 69 anos, ficando sepultado no cemitério local, esta terra que ele considerava também sua.



José Luis dos Santos
1911 - 1993

Nasceu em Loriga em 5 de Outubro de 1911, filho de José Pinto Luis e de Maria do Carmo Santos.

Um dos mais conceituados comerciantes de Loriga, reconhecido pelo seu dinâmico espírito para o meio negocial.

As sequelas físicas, por motivo de um grave acidente originado por uma bomba de foguete, ocorrido quando era ainda criança, nunca foram impeditivas para o desempenho de qualquer actividade, nomeadamente, no ramo comercial.

Sempre disponível para actividades da comunidade, durante muitos anos desempenhou funções na Irmandade das Almas, tendo sido igualmente importante, o seu contributo na década de 1940, como Escrivão de Loriga. Fixou em Loriga um Depósito central de tabaco e, durante décadas, abasteceu toda a região sendo, por isso, muito conhecido por todo o lado. Faleceu em Loriga 25 de Outubro de 1993, sendo sepultado no cemitério local.



Mário Lopes Prata
1910 - 2000

Nasceu em Loriga a 3 de Agosto de 1910, sendo filho de Francisco Fernandes Prata e de Eduarda Pinto da Neves.

Foi o sacristão da sua terra durante 48 anos, funções que desempenhava com toda a sua dedicação e onde a sua virtude de homem bom, granjeando ao longo da sua vida a amizade e a estima dos seus conterrâneos, onde em cada um tinha um verdadeiro amigo.

Nascido no meio de uma família muito religiosa, foi baptizado dois dias depois do seu nascimento, ao crescer foi cultivando as qualidades que Deus lhe deu, tornando-se um homem sério, honrado, humilde e respeitador, por isso a admiração que toda a gente tinha por ele.

A sua vida foi toda dedicada à agricultura e à igreja, tendo sido por mero acaso que começou a desempenhar as funções de sacristão. Na década de 1940, o pároco de então, Sr. Padre Prata, pediu-lhe para desempenhar essas funções enquanto o sacristão em actividade se encontrava doente. Assim com a promessa de apenas uns dias, passou a meses, e conseqüentemente passar depois as desempenhar as funções definitivamente.

Uma maneira serena de estar na vida, a sua calma, a sua postura e o respeito quando estava na igreja, chegava a ser mesmo impressionante, um exemplo a seguir por toda a gente e principalmente por uma juventude que tinha por ele uma certa admiração e respeito.

Foi o Sacristão numa Loriga de outras eras, onde os tempos eram difíceis e

em que a população era muito mais, por conseguinte, eram também muitos mais os praticantes. Durante muitos desses anos, foram muitos os padres que ele conheceu, nomeadamente coadjutores que passaram por Loriga, para muitos deles o Sr. Mário Prata, foi mais que um sacristão, era acima de tudo um amigo um conselheiro, que na hora da despedida, não queriam partir sem lhe dar aquele abraço como prova de gratidão

Era casado com a Sra. Maria dos Anjos, tiveram nove filhos, aos quais procurou inculcar as mesmas virtudes por ele vividas.

Na companhia de sua esposa e após deixar a sua actividade de sacristão, fixou-se em Coimbra, junto à família e ali viveu durante alguns anos.

Viria a falecer no dia 8 de Dezembro de 2000, após doença. O seu funeral realizou-se para a sua terra que ele tanto amava, onde ficou sepultado no cemitério local.

Loriga ficou mais pobre, ao ver partir para sempre uma das suas figuras, o sacristão de muitos anos, ou melhor o Homem, que não queria dar nas vistas, mas as suas qualidades e as suas virtudes ficaram para sempre marcadas numa certa geração de loriguenses.



Maria dos Anjos Pinto Neves
1912 - 2002

Nasceu em Loriga, em 6 de Março de 1912, filha de Beatriz Pinto Neves, sendo, por isso, mais conhecida por "Dos Anjos da Beatriz".

Foi cozinheira de casamentos, baptizados, aniversários, festas religiosas e outros eventos, sendo vastos os seus conhecimentos na arte da culinária e, por isso mesmo, a magnífica comida que confeccionava era apreciada por todos.

Durante dezenas de anos cozinhou para as mais variadas festas, tendo sido mesmo, a cozinheira que mais tempo esteve em actividade ao serviço da comunidade loriguense.

Sempre muito solicitada, não só em Loriga, como também para outras terras vizinhas, nunca dizia que não quando à porta lhe batiam a pedir-lhe para ser a cozinheira de qualquer boda que fosse, nunca fazendo preço ao seu trabalho, apenas aceitando o que lhe queriam dar.

Nesses tempos, as pessoas pagavam normalmente com alguns artigos de mercearia e algum dinheiro, no entanto, quando via que as pessoas eram pobres, apenas aceitava a mercearia, recusando-se a receber o dinheiro. Esposa dedicada e mãe extremosa de nove filhos, que criou e educou com o maior desvelo e carinho, era também uma pessoa muito activa e despachada, parecendo ter sempre qualquer coisa para fazer.

Religiosa convicta, era reconhecida pelas suas qualidades humanas, sendo a sua bondade e a sua sensibilidade para com os mais desfavorecidos, por demais evidente e, por todas essas razões, era muito respeitada pelos seus conterrâneos, que por ela tinham grande admiração.

Faleceu em Loriga no dia 27 de Setembro, com a idade de 90 anos e o seu funeral realizou-se para o cemitério local, onde ficou sepultada. Foram muitos os loriguenses que a acompanharam à sua última morada, ficando

Loriga, mais pobre ao ver partir com saudade uma mulher que tão soube exercitar a sua arte de cozinheira do povo.



António Antunes Abranches
1913 - 2003

Nasceu em Loriga, em 9 de Dezembro de 1913, filho de José Antunes do Carmo e de D. Leonor Dias de Figueiredo.

Depois de frequentar a escola primária na sua terra, foi para Lisboa com a idade de 12 anos. Dois anos depois ingressou no Seminário de Santarém, para mais tarde frequentar os Seminários pertencentes ao Patriarcado em Lisboa.

Foi ordenado sacerdote no Seminário dos Olivais em 29 de Junho de 1938, seguindo-se tempos de muito trabalho, nomeadamente em outras paróquias, ajudando outros colegas. Poucos meses depois, teve a oportunidade de deslocar-se a Loriga, para finalmente celebrar a primeira missa na terra que o viu nascer.

Estava há ainda à poucos dias na sua terra, quando foi chamado ao Cardeal Cerejeira, sendo então nomeado para ficar ao serviço do Patriarcado de Lisboa, trabalhando em diversas tarefas, nomeadamente na Acção Católica. Seria colocado na Paróquia de Vila Franca de Xira e Castanheira do Ribatejo, por motivo de o Pároco local se encontrar doente, onde se manteve durante cerca de 22 meses, executando ali um trabalho de grande valor.

Foi professor na Escola Central de Graduados da Mocidade Portuguesa e depois na Casa Pia de Lisboa, onde chegou a ser o Capelão-Chefe cargo que desempenhou durante 4 anos.

A partir de Outubro de 1945, foi colocado como Pároco na recém-criada Paróquia de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, uma das novas paróquias das chamadas "avenidas novas" e onde se manteve até 1995, chegando, também, a acumular a paróquia de S.João de Deus.

Foi de relevo todo o seu trabalho em prol da igreja, ao longo da sua vida sacerdotal. Sempre de espírito aberto e atento à evolução dos tempos, entregou-se totalmente a promover actividades que pudessem contribuir para uma presença da Igreja no mundo actual, nomeadamente nos meios de comunicação social, como o cinema e a televisão.

Com um acentuado sentido de organização, por onde ia passando, deixava a sua marca em estruturas sólidas que permitiam às pessoas saberem onde situar-se e como tirar o melhor partido para as suas vidas e actividades.

Amava a sua terra e a ela se referia com muito carinho e estima e, sempre que podia, aproveitava para ali passar uns dias de merecidas férias. Tinha imenso gosto em apresentar Loriga aos outros, por isso com regularidade a visitava com pessoas amigas e das suas relações. Em 1988, chegou mesmo a levar a Loriga, em visita particular, o Sr. Cardeal D. António Ribeiro.

Gostava de ir a Loriga para assistir à Festa da Nossa Senhora da Guia, onde muitas das vezes foi o pregador. A sua voz forte e dinâmica, prendia todos aqueles que o escutavam, e que parecia chegar para além do recinto e da catraia.

Durante 50 anos como Pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, uma grave doença impossibilitou-o, nos últimos anos da sua vida,

de poder continuar a desempenhar essas funções paroquias, bem como, de visitar a sua terra como tanto gostava. No entanto permaneceu com o título de Pároco Emérito desta Paróquia, até ao fim da sua vida.

Faleceu em Lisboa no dia 21 de Abril de 2003, tendo sido realizada na igreja de Nossa Senhora de Fátima, a missa do seu falecimento, que foi presidida pelo Cardeal de Lisboa D. José Policarpo. No dia seguinte o seu corpo seguiu para Loriga onde foi realizado o funeral, sendo sepultado no cemitério local na campa da Mãe, como era seu desejo. Ficando esta localidade mais pobre ao ver partir um dos seus filhos que, notabilizando-se longe dela, nunca a esqueceu.



Manuel Gomes Leitão Júnior
1914 - 1990

Natural de Loriga, onde nasceu em 30 de Maio de 1914, era filho de Manuel Gomes Leitão e de Maria do Carmo Nunes Cabral, também naturais de Loriga. Verdadeiro bairrista e grande amigo da sua terra, a par da sua actividade como industrial de renome, na área dos lanifícios, desenvolveu outras actividades para as quais estava naturalmente vocacionado, e que estavam relacionadas com a sua paixão pelas letras.

Assim, foi correspondente do Diário de Coimbra, onde escreveu algumas rubricas, bem como em outros jornais prontificando-se, sempre que se justificasse, a escrever sobre a sua terra.

Estudou na Covilhã, onde concluiu o curso de Debuxo na Escola Campos de Melo. No entanto o âmbito da sua actividade profissional como industrial de lanifícios era mais alto, alargando-se a outras áreas. A ele se ficou a dever a organização da primeira fábrica de malhas em Loriga, que viria a ser de grande importância num novo desenvolvimento industrial desta localidade.

Muito dinâmico desejando o melhor para a sua terra, estava sempre pronto a contribuir em tudo o que estivesse ao seu alcance. Foi director da Banda Musical, foi Juiz da Irmandade das Almas, sendo ainda um dos grandes impulsionadores na construção do bairro social Eng. Saraiva e Sousa, hoje Vista Alegre, assim como teve grande influência na instalação de um Posto da GNR em Loriga.

Fundador do Grupo Desportivo Loriguense onde, por diversas vezes, fez parte dos corpos sociais, era um grande apaixonado pelo futebol, tendo mesmo criado, nesta colectividade, as melhores equipas de sempre. Para além disso, sonhava também com a existência de uma juventude culturalmente desenvolvida na sua adorada terra.

Com 35 anos de idade foi Presidente da Junta de Freguesia de Loriga, onde executou um trabalho brilhante apesar das dificuldades da época, nomeadamente no que diz respeito a algum saneamento básico da povoação. Foi também o grande obreiro do "deita abaixo" dos balcões (incluindo o seu), que existiam um pouco por toda a Vila e que, em grande parte, dificultavam o acesso a muitas das ruas e becos. Tinha ainda como um dos seus maiores anseios conseguir dar à Vila de Loriga, o asseio, a beleza e a cultura da sua gente.

O Sr. "Manuelzinho" como assim era chamado pelo povo, passou os últimos anos da sua vida em Lisboa. No entanto, nunca esqueceu a sua terra, onde quis descansar para sempre, junto dos seus pais, vendo Loriga partir em 27.03.1989, um dos seus filhos que muito fez para o seu desenvolvimento e progresso.



Herculano Brito Leitão
1914 - 1997

Nasceu em Loriga; em 12 de Agosto de 1914, e era filho de José de Brito Crisóstomo e de Maria do Anjos Leitão Brito.

Um verdadeiro bairrista que, apesar de estar afastado da sua terra, tinha-a junto ao coração e queria para ela o que de melhor pudesse haver. Sempre que tinha conhecimento das várias carências existentes em Loriga, tudo fazia para conseguir que essa carência fosse ultrapassada estivesse onde estivesse.

Notabilizou-se por ser o grande impulsionador e fundador dos Bombeiros Voluntários de Loriga, uma das carências existentes na sua terra, concretizando, assim, não só o seu sonho, como todos os loriguenses. Homem amigo do seu amigo, era de ideias firmes e claras, colocando nos seus objectivos as ideias em que acreditava. Os Bombeiros para Loriga eram uma prioridade mas, para a pôr em prática, teve que percorrer um longo caminho, dirigindo-se aos organismos competentes, vencer a burocracia, socorrer-se de gente influente, e debater-se também com algumas frustrações. Contudo, no final, viu o seu trabalho recompensado com a fundação da Associação do Bombeiros Voluntários de Loriga, em 16 de Abril de 1982, o maior organismo criado em Loriga nas últimas décadas. Tinha apenas 12 anos quando foi para o Brasil, na companhia da sua família, passando a viver na cidade de Belém-Pará. Por lá se manteve durante 25 anos, não esquecendo nunca a sua terra, notabilizando-se também em iniciativas em prol de Loriga.

Regressou a Loriga na década de 1940, tendo fundado na sua terra a Sociedade Industrial de Malhas e a Sociedade Comercial Irmãos Leitão Lda. Mais tarde partiu para Lisboa onde se fixou, para tempos depois se radicar em Santarém onde permaneceu largos anos.

Do casamento com D. Inadina Ferreira Leitão, tiveram dois filhos António José Ferreira Leitão e Maria de Fátima Ferreira Leitão. Viria a ter um segundo casamento com Maria Eugénia Madeira Pereira Leitão.

Depois de ter concretizado o sonho dos Bombeiros de Loriga, num novo desafio se envolveu. Desta vez, era no projecto de um Jornal para Loriga, uma ideia pela qual também muito viria a lutar, sem no entanto poder ver a sua concretização.

Apesar de ter a convicção de que o projecto do Jornal não seria fácil, não era, no entanto pessoa de desistir logo que surgissem os primeiros obstáculos. Mas também foi certo, que estaria longe de imaginar as complicadas barreiras que lhe apareceram pelos caminho e que foram difíceis de ultrapassar, e que contribuíram para atrasar todo esse processo, nunca chegando a concluir o sonho então idealizado que era o

projectado Jornal "Noticias de Loriga".

Faleceu no dia 13 de Abril de 1997, em Santarém, onde foi sepultado no cemitério local. Aí se deslocou uma delegação dos Bombeiros Voluntários de Loriga, para o acompanhar à sua última morada, homenageando, assim, com um sentimento de gratidão, esta figura loriguense a quem os Bombeiros e Loriga muito ficaram a dever e que não poderá ser esquecido.

Herculano de Brito Leitão foi, pois, uma Figura que ficou ligada aos Bombeiros de Loriga, que passou a ser uma referência desta instituição como fundador Nr.1. Por isso é bem ilustrativo e de justiça a sua fotografia figurar nas paredes da sede desta corporação.



Joaquim Gonçalves de Brito
1915 - 2001

Nasceu em Loriga, em 15.08.1915, filho de António Brito Pinheiro e de Maria dos Anjos Gonçalves de Brito.

Bairrista convicto, que tanto amava a sua terra e, que por ela sempre lutou e fez tudo o que estava ao seu alcance para o seu desenvolvimento. Ainda muito novo, começou a trabalhar como empregado de escritório, em Loriga, e depois em Coimbra, no armazém de Lanifícios do industrial Sr. Carlos Cabral Leitão.

Ainda rapazinho, foi contínuo na Sociedade de Defesa e Propaganda de Loriga, uma Associação destinada apenas à classe alta desta Vila, tais como, médicos, industriais, professores, padres etc. Esta sociedade seria mais tarde extinta dando lugar à Sociedade Loriguense de Recreio e Turismo, onde o Sr. Joaquim "Alho", como popularmente era conhecido, viria a fazer parte das diversas direcções.

Fez parte de quase todas as direcções dos organismos de Loriga, sendo mesmo um dos fundadores do Grupo Desportivo Loriguense, pertencendo aos diversos Corpos Gerentes que por lá passaram. Na época, a fundação deste Clube, foi de grande importância para esta localidade a qual teve, como finalidade, atrair para o desporto, a grande massa de jovens existente nesta Vila preenchendo, assim, de forma saudável, os tempos de ócio. Pertenceu à direcção da Banda de Loriga, quando em 1956, esta associação atingiu um dos pontos mais altos da sua história, ao abrilhantar as Festas da Rainha Santa em Coimbra.

De 1972 a 1976, pertenceu à direcção da Junta de Freguesia de Loriga, constituída por:-António Pinto Ascensão-Presidente, José de Pina Gonçalves-Secretário, e por ele próprio como Tesoureiro. Embora sendo uma época problemática, em que os meios financeiros eram escassos, funcionando sem subsídios, conseguiram levar a efeito obras de grande vulto, projectando Loriga como uma Vila mais moderna. Foi também Vereador da Câmara Municipal de Seia, durante quatro anos, sendo responsável pelo pelouro das obras.

Dedicou-se à indústria, pertencendo à Sociedade Industrial de Malhas de Loriga tendo, mais tarde, constituído a firma Gonçalves & Nunes, Lda., uma fábrica de confecção de malhas. Posteriormente, fundou a firma de construção civil, "Joaquim Gonçalves Moura" que teve, no seu irmão José Gonçalves Brito, o seu braço direito e seu sócio. Com a colaboração dos

seus sobrinhos, alargou o âmbito de actividade da empresa para outros ramos da construção civil, passando a ser muito reconhecida na região. Homem de uma calma impressionante, tinha uma maneira própria de estar na vida. Nunca casando, dedicou a sua vida e os seus afectos à família mais próxima, designadamente os sobrinhos. A morte de seu irmão José, após doença prolongada, foi um rude golpe para ele. No entanto, resignado, continuou a orientar e a colaborar com os seus sobrinhos na empresa que se orgulhava de ter fundado.

Sendo uma pessoa muito considerada na Vila e na região, era sempre atencioso com quem se lhe dirigia solicitando ajuda ou orientação para a resolução de qualquer problema.

Faleceu em 31 de Julho de 2001, no Hospital de Viseu, aos 85 anos, e foi sepultado no cemitério de Loriga, sendo recordado pelos Loriguenses, como um bairrista que tanto amou a sua terra.



António Fernandes Gomes
1915 - 2004

Nasceu em Loriga, em 20 de Janeiro de 1915, Filho de José Fernandes Gomes e de Aurora Mendes Dias Santos.

Conhecido por "Repórter Max", escreveu muito sobre a sua terra e a região serrana onde, nos seus artigos, exprimia a sua grande preocupação pela dignificação de Loriga e da região da sua Serra da Estrela, como também pela promoção das actividades tradicionais, e pela preservação das características paisagísticas e arquitectónicas desta região serrana.

Fez parte dos quadros da Armada Portuguesa, tendo percorrido os quatro cantos do mundo, chegando a exercer o cargo de delegado marítimo em Benguela (Angola).

Foi um dos mais activos defensores da imprensa regional, em cujos congressos nacionais se destacava sempre.

Adorava a sua terra e foi, seguramente, quem mais escreveu sobre ela, quer em jornais nacionais, como o "Século" e o "Diário de Notícias", quer em jornais regionais, como a "Voz da Serra", "Porta da Estrela" e "A Neve".

Escreveu, também, em muitos outros jornais do antigo ultramar português, nomeadamente, a "Voz de Macau" e o "Jornal de Benguela".

A sua obra conhecida está reunida em três volumes que intitulou "Crónicas do Repórter Max", com edição do autor, onde estão compilados textos abarcando várias temáticas que escreveu em vários jornais.

Faleceu no dia 3 de Julho de 2004 em Lisboa, onde foi sepultado.



António Nunes Ribeiro
1916 - 2005

Nasceu em Loriga no dia 3 de Julho de 1916, filho de José Nunes Luiz e de Palmira Brito Moura.

Depois de concluir a escola primária rumou para a Covilhã, onde estudou e tirou o curso de Debuxo Têxtil na conceituada Escola Industrial Campos Melo. Findo o curso voltou para a sua terra ingressando a trabalhar na Firma Pina, Nunes e Comp. no lugar do Regato.

Mais tarde juntou-se aos tios António e Alfredo, na firma Nunes, Brito & Comp., Lda, onde entretanto, já possuía uma quota de herança do pai.

Oriundo de família de industriais de lanifícios, veio a notabilizar-se pela sua dinâmica e ideias no melhor que sabia, para que o seu trabalho nas firmas fosse o melhor para todos. No campo social, António Ribeiro, cumpriu o seu papel como homem interessado pela sua terra.

De muito novo, foi um dos fundadores e dirigente do Grupo Desportivo Loriguense, em 1934, onde imprimiu um rigoroso aprumo para a cultura da juventude da sua terra, principalmente a operária.

Foi também director da Banda de Música de Loriga, nas décadas de 1940, 50 e 60, onde deixou a sua marca, nos fardamentos, no aprumo, no brio, na disciplina, elevando assim a Banda Filarmónica a um patamar invejável.

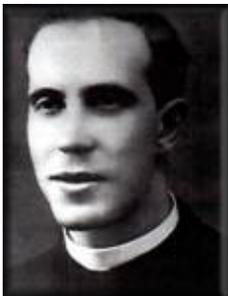
Fez parte como vereador na Câmara Municipal de Seia, nos vários mandatos do Comendador Joaquim Fernandes Ferreira Simões, de quem era muito amigo.

Passou também pela Junta de Freguesia de Loriga como presidente, tendo-se revelado um grande conhecedor dos problemas da sua terra e, interessado em resolvê-los.

Casado com D. Aurora Brito Pina Ribeiro, era um cristão convicto, ficando mais apegado às coisas da fé depois do curso de cristandade, que frequentou no Seminário da Guarda no anos de 1965. Cumpriu diversos mandatos na Comissão Fabriqueira da Igreja, sempre com muito amor e carinho, pelas coisas da Igreja, e pelas valências da Acção Social.

Os seus últimos dias de vida passou-os na Casa de Repouso da Nossa Senhora da Guia, onde faleceu em 18 de Dezembro de 2005, com a idade de 89 anos, após doença prolongada, vendo Loriga partir mais um dos seus filhos que muito fez por Loriga e pela comunidade.

O funeral realizou-se em Loriga, onde ficou sepultado no cemitério local.



António Roque Abrantes Prata
1917 - 1993

Natural de Santa Maria de Manteigas, onde nasceu em 15 de Outubro de 1917, foi ordenado Presbítero em 8 de Setembro de 1940. Após ter estado algum tempo em Pero (Viseu) foi colocado como pároco de Loriga em 1944, onde se manteve durante 22 anos, localidade que viria a deixar em 18 de Dezembro de 1966 por motivo de ter sido chamado para trabalhar a tempo inteiro nas actividades pastorais da obra de Santa Zita em Lisboa.

Na sua passagem de mais de duas décadas na Paróquia de Loriga, ficaria para sempre ligado a uma certa geração que não mais o esqueceu e o considerou uma das maiores figuras que a história de Loriga jamais conheceu.

Grande entusiasta da juventude e entrega total à igreja, desenvolveu em Loriga uma larga e eficiente Acção Social, nomeadamente na dinamização e impulso que imprimiu na fundação, orientação, apoio e ainda com grande contributo no desenvolvimento da freguesia.

De grande zelo e convicções religiosas fez da doutrina aprendida a sua verdadeira vida durante os 53 anos de sacerdócio, sendo sempre de uma entrega total ao serviço do Senhor e da sua Igreja, onde a sua personalidade e respeito são virtudes dignas de registar.

Enérgico nos seus pensamentos e nas suas ideias, para levar até ao fim tudo em que se envolvia, era um verdadeiro defensor dos mais desfavorecidos nomeadamente dos operários, ousado, ao dar força para que fosse devolvida aos trabalhadores a autonomia sindical notabilizando-se até, por acompanhar um grupo de Jocistas numa entrevista pedida ao então Primeiro-Ministro Dr. Oliveira Salazar.

Enfrentou também em Loriga uma sociedade poderosa, por isso nem sempre foi totalmente pacífica a sua passagem por esta vila, tendo até existido um certo movimento de protestos enviados ao Bispo da Guarda, com ecos escritos e furiosos os quais o Sr. Padre Prata soube enfrentar como pároco de todos e de tudo.

Durante a sua permanência em Loriga serão para sempre recordadas as suas obras que fundou e fez movimentar ou renascer outras já existentes e ainda na criação de muitas mais acções importantes para a população. Ficam aqui registadas algumas que ficam para sempre perpetuadas para as gerações vindouras, e a frase que na sua simplicidade, costumava dizer "só Deus é que vê e julga as obras e as intenções"

J.O.C.F.; L.O.C.; L.O.C.F.; Centro da Assistência Paroquial; Casa de Santa Teresa; Socorro Paroquial Loriguense; Apostolado da Oração; Museu Paroquial; Biblioteca Paroquial; Património dos Pobres; Agasalho aos Pobres, o reaparecimento como Boletim Paroquial "A Neve" ; Lâmpadas Vivas, Curso Unificado da Telescola; Bolsa de Estudos de N.S. da Guia: Sopa; Cantina; Rosário Perpetuo; Lausperene Semanal; Missões Paroquias; Retiros-Recolecções; Acção Missionária; Irmandade do Sacramento das Almas; Cursos de Crandade; Conferência Vicentina e a construção da Residência Paroquial e Salão.

A 8 de Dezembro de 1990, foi homenageado em Loriga no dia que fez as Bodas de Ouro sacerdotais numa verdadeira festa de fraternidade e de amizade do povo desta localidade, a que se associou também o Sr. Bispo da Guarda. Grande multidão aguardou na "Carreira" a chegada do Sr. Padre Prata e do Sr. Bispo que num cortejo informal pelas ruas, acompanhados pela Banda Musical, seguiu para a igreja onde foi efectuada uma celebração, seguindo-se um almoço realizado no Salão Paroquial a que assistiram 230 pessoas.

Faleceu por motivo de doença que o vinha vitimando, na manhã do dia 18 de Julho de 1993, na Casa de Santa Zita. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério dos Prazeres de Lisboa onde ficou sepultado. Deixou no seu testamento uma doação a Loriga, pedindo aos seus familiares para entregarem ao Centro de Assistência Paroquial de Loriga a quantia de

6.800 contos.

Em Agosto de 2001 e véspera da Festa de Nossa Senhora da Guia, foi inaugurada uma rua em Loriga à qual foi dado o seu nome, uma homenagem de gratidão que os Loriguenses lhe deviam.

No dia 15 de Dezembro de 2003, os restos mortais do Senhor Padre Prata, foram trasladados do cemitério de Manteigas para o cemitério de Loriga, concluindo-se assim, a vontade sempre manifestada em vida de tão proeminente figura, em repousar eternamente junto dos paroquianos que tanto amou durante os anos que parou Loriga.



Carlos Fernandes Urtigueira
1917 - 1996

Nasceu em Loriga a 26 de Fevereiro de 1917, filho de Alberto Fernandes Urtigueira e de Maria Emília Pinto Ascensão,

Alfaiate de profissão, cortava o pano e alinhava os fatos tal como os seus dedos tocavam as cordas da sua guitarra. Era um grande profissional, talvez mesmo um dos melhores alfaiates de Loriga. Era na realidade um verdadeiro artista, tendo sempre a preocupação de actualização e modernidade.

Começou a trabalhar numa alfaiataria situado no Santo Cristo, mais tarde mudou-se para o Largo Dr. Amorim da Fonseca, passando ainda pela "Carreira" para finalmente fixar a sua alfaiataria "Académica" na Rua principal da Vila, por cima do estabelecimento do Sr. José Luis Santos. Foi durante a sua vivência em Loriga a alma do Fado de Coimbra cantado na sua terra. Pela sua alfaiataria "Académica" passaram as diversas gerações de estudantes, e nela havia sempre uma guitarra e uma viola para acompanhar os que se dispusessem a entoar a velha canção coimbrã. Tinha ainda tempo e sempre disposição, para se juntar a outros loriguenses, que por vezes se reuniam nos balcões das ruas em verdadeiras serenatas, onde as cordas da sua guitarra faziam espalhar aquela melancólica música que deleitavam os ouvidos das pessoas que passavam. O falecimento da sua esposa Ermelinda, em 1959, foi um duro golpe e uma grande perda para os seus filhos, Fernando, José Alberto, Natércia e Maria Amélia.

Procurando uma vida melhor, que a sua terra parecia não lhe poder dar, deixou Loriga na década de 1960, radicando-se na Póvoa de Santa Iria, mais tarde no Prior Velho e depois em Sacavém, onde instalou a sua alfaiataria. O fado de Coimbra parecia fazer parte de si, por isso mesmo, tinha sempre presente a sua velha guitarra, que mesmo longe de Loriga, o faziam continuar a dar alma ao velho fado dos estudantes que ele tanto amava. O Carlos "Governo" como popularmente era assim conhecido, deixou raízes nos seus filhos, Fernando e Zé Alberto, dignos continuadores dessa herança de tocadores de guitarras e violas, que ainda hoje deliciam todos aqueles que os escutam.

Faleceu em Sacavém, após doença prolongada em 31 de Dezembro de 1996, e o funeral realizou-se para o cemitério local onde ficou sepultado.

Loriga ficou mais pobre, ao ver partir para sempre um dos seus filhos, recordando as suas qualidades de bem tocar o fado de Coimbra que ficaram

para sempre marcadas numa certa geração de loriguenses.



Amália Brito Pina
1917 - 2003

Nasceu em Loriga em 1917, filha de António Luis Duarte Pina e de Maria do Céu Brito Pina.

Foi durante mais de quatro décadas, proprietária e Directora Técnica da Farmácia de Loriga. Tendo adquirido este estabelecimento à firma Leitão & Irmãos por compra, que passou a designar-se por Farmácia Popular de Loriga.

Numa época em que a continuação de uma Farmácia em Loriga parecia estar complicada, foi determinante o empenho desta distinta senhora para que Loriga continuasse a ter este estabelecimento, indiscutivelmente muito importante para esta localidade e terras vizinhas.

Pessoa de trato fácil e de leal colaboração profissional para com toda a gente, estava sempre disponível para dar a melhor informação medicinal aos doentes.

Era casada com o professor António Domingos Marques. Foi a primeira monitora da Telescola, quando começou a funcionar em Outubro de 1966. Faleceu em 25 de Dezembro de 2003 em Braga, com a idade de 86 anos, estando sepultada em Loriga.



António Domingos Marques
1917 - 2004

Nasceu no Fontão (Loriga) a 7 de Janeiro de 1917 filho de Maria José Gertrudes e de Manuel Domingos Marques.

Depois de concluir a escola primária na sua terra, frequentou um colégio na Figueira da Foz, onde estudou e concluiu o curso de Professor Primário. Radicou-se em Loriga no desempenho das suas funções de professor. Os seus antigos alunos lembram com saudade, o homem, o professor, que tiveram nesta personalidade a base da sua formação para os desafios que o mundo contemporâneo exige.

O Professor "Fontão" como popularmente era assim também conhecido, foi sem dúvida uma figura de grande relevo em Loriga, onde leccionou durante várias décadas, distinguindo-se como um professor brilhante e um homem de grande humanidade.

Casou em Loriga com D. Amália Brito Pina, proprietária da Farmácia Popular, de quem veio a ter dois filhos. A sua vida profissional ficou então marcada por duas vertentes: o exercício de professor primário e a

gestão conjuntamente com a sua esposa da Farmácia. Dedicou também parte da sua vida à causa pública e à comunidade. Foi Presidente da extinta Casa do Povo de Loriga e Presidente da Sociedade Recreativa e Musical Loriguense, onde realizou um trabalho meritório e notável. Como político liderou listas do P.S.D e uma lista do C.D.S como independente. Fez parte em vários mandatos, como Deputado da Assembleia de Freguesia de Loriga.

Bairrista muito empenhado, conselheiro, nunca regateou os seus préstimos, para o bem comum, sempre disponível para toda e qualquer iniciativa que visasse o desenvolvimento de Loriga. Como prova de gratidão, as forças vivas de Loriga, prestaram-lhe uma Grande Homenagem, tendo-se associado um grande número de Loriguenses.

A emoção vivida por esta personalidade foi tão grande, que o projectou para a doença que o acompanharia até ao último dos seus dias.

Faleceu a 23 de Julho de 2004 em Loriga, ficando sepultado no cemitério local, ficando Loriga mais pobre ao ver desaparecer um Loriguense que deixou marcas indeléveis no exercício do magistério, na vida Associativa e Cultural.



António Ambrósio de Pina
1918 - 1995

Nascido em Manaus-Brasil, filho de António Ambrósio de Pina e Maria dos Anjos de Brito Moura, foi apenas com três meses de idade que os pais o trouxeram para Loriga onde cresceu e fez a escola primária.

Logo após completar a escola em Loriga foi para o Seminário da Costa em Guimarães, onde fez todos os seus estudos menores. No ano de 1936 entra para a Companhia de Jesus e, no ano de 1940, concluiu o Curso Superior de Letras e Humanidades para, de seguida, entrar na Faculdade de Filosofia de Braga onde conclui a sua licenciatura em 1944.

Em 1947 transferiu-se para Barcelona-Espanha a fim de frequentar a Faculdade de Teologia de Sarriá onde é formado em 1950, passando depois para a Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia de Salamanca onde termina a tese do seu doutoramento.

Durante alguns anos dedica-se ao apostolado nesta cidade espanhola a favor dos mais carenciados. Regressa a Portugal e organiza as comemorações do XVI Centenário de Santo Agostinho na cidade de Braga, participando ainda no I Congresso Nacional de Filosofia, também realizado nesta cidade.

Professor na Faculdade de Filosofia de Braga, veio a notabilizar-se através dos anos como escritor, historiador, poeta, artista plástico, pensador, teólogo, sendo ainda um dos maiores colaboradores nos vários órgãos da imprensa religiosa nacional e espanhola, com numerosos trabalhos científicos no campo da Filosofia e Teologia, traduzidos em várias línguas.

Apesar de estar sempre afastado de Loriga, pensava muito na terra que dizia também ser sua, sendo para ele alegria imensa ao encontrar-se com seus conterrâneos. Enquanto sua irmã Ruth Ermelinda foi viva, assim como outros seus familiares próximos, visitava regularmente a sua terra, por vezes passando até curtas férias. Depois deixou de ir à terra que ele

tanto adorava, no entanto foi mantendo sempre alguma correspondência com um seu primo e amigo, ao qual enviou um dia uma declaração escrita, no sentido de quando ocorresse o seu falecimento, o seu corpo (ou restos mortais) fossem levados para a sua querida Loriga e que fossem sepultados no túmulo da mãe.

Talvez por conhecimento tardio em Loriga da notícia da sua morte, o seu corpo viria a ser sepultado no cemitério do Monte de Arcos em Braga no talhão dedicado aos Padres Jesuítas, não sendo aceite pela Companhia de Jesus a declaração apresentada posteriormente, mas ficando em promessa, de essa declaração ser considerada para anos mais tarde.



Laurinda Gonçalves de Brito
1918 - 1999

Nasceu em Loriga, em 5 de Março de 1918, filha de António Brito Pinheiro e de Maria dos Anjos Gonçalves de Brito.

Desde muito nova teve sempre uma maneira própria de viver, dedicando parte da sua vida em prol da comunidade, nomeadamente cozinhando nas bodas ou outras festas, onde os seus conhecimentos eram de uma tendência nata e inegável.

Lendo leitura da especialidade, foi aperfeiçoando o seu saber, em dotes de cozinheira, adoçando muita gente não só com bolos, mas também com carinhos, assim como, muitos ainda recordam a arte como enfeitava as travessas para serem servidas.

Muito religiosa, entregou-se de alma e coração a favor das obras da Paróquia, onde particularmente a sua opinião parecia nunca poder faltar. Tendo sido importante o seu contributo para a fundação do Centro Paroquial de Loriga. Auxiliou muito o Senhor Padre Lages, enquanto o Centro não foi fundado.

Foi catequista, benfeitora e angariadora de fundos para obras religiosas. Trabalhos que executava com uma enorme força de vontade e dedicação. Arranjou durante muitos anos o altar das Almas. Foi Vicentina da Conferência de S.Vicente de Paulo, pedindo para os pobres e durante cerca de 60 anos foi a distribuidora do jornal "Bem Fazer" e das pagelas do Rosário.

Foi sempre muito solicitada para madrinha do Crisma. Num determinado ano e numa dessas cerimónias que decorreu em Loriga, levou até junto do Senhor Bispo 12 crianças para crismar, este muito admirado chegou a comentar "esta traz um comboio".

Nunca casando, dedicou toda a sua vida e os seus afectos à família mais próxima, designadamente aos sobrinhos, em que era uma segunda mãe, madrinha, enfermeira e amiga, por isso, estes com carinho a chamavam por Nininha.

Vivendo no Bairro de S.Ginês, junto à Capela de Nossa Senhora do Carmo, durante alguns anos foi uma das mordomas, realizando um trabalho incansável na angariação de fundos para obras de restauração da capela. E tal como ela dizia "queria que a Nossa Senhora do Carmo tivesse uma Capela linda".

Faleceu em Loriga, no dia 2 de Maio de 1999, com 81 anos de idade, ficando

esta localidade mais pobre ao ver partir quem tanto fez pela Acção Paroquial. O funeral foi realizado para o cemitério local onde ficou sepultada, sendo muitos os Loriguenses que a acompanharam à sua última morada.



António Luis Amaro Tuna
1918 - 2003

Nasceu em Loriga, em 23 de Agosto de 1918, filho de José Luis Amaro Tuna e de Emília de Brito Miguel.

Era ainda muito novo quando ficou órfão de seu pai, conhecido por José Farias (Barbeiro), que faleceu vítima da epidemia do "Tifo Exantemático" que ocorreu em Loriga no ano de 1927. Por esse facto, e dada a necessidade de ter que trabalhar para o sustento da casa, empregou-se numa das fábricas de lanifícios, onde viria a ser operário têxtil durante anos, profissão que deixou na altura em que encerrou definitivamente a Fábrica da "Redondinha".

Nas horas livres, dedicava-se ao corte de cabelos e barba, seguindo os passos do pai, e depois do encerramento da fábrica onde trabalhava, dedicou-se de alma e coração à sua Barbearia, na arte que ele tanto adorava e que era a sua grande paixão.

Nunca voltava para casa enquanto tivesse fregueses para atender, muitas das vezes só o fazendo a altas horas da noite. Não tinha horas nem para as refeições, privando, muitas vezes, a família da sua companhia nessas horas.

Na altura da "Febre do Volfrâmio" deu também uma saltada à serra, à procura desse valioso minério, tendo sempre histórias curiosas para contar.

Tinha uma maneira própria de ser, desenvolvendo um bom relacionamento com todos, fazendo dele um homem de bem, não se lhe conhecendo, por isso, qualquer inimigo. A sua Barbearia era como que um ponto de cavaqueira onde os fregueses liam o jornal, conversavam e falavam das novidades da terra, e onde o "Ti António Farias", mais popularmente assim chamado, tinha sempre histórias antigas para contar de Loriga, e das suas gentes.

Muito crente em Deus, era raro o dia que não fosse rezar à porta do cemitério e à Nossa Senhora da Guia, ou mesmo até na Igreja, onde por vezes se "refugiava" nas suas orações.

Fazia longas as caminhadas pelos vários recantos da serra, que parecia conhecer como as suas próprias mãos. Não sabendo ler nem escrever, pediu a alguém para lhe escrever algumas palavras, tempos depois, numa das fragas junto à "Fonte dos Carreiros" feitas com ajuda de um pico e um pincel, onde foram aparecendo, como que misteriosamente, as legendas "Pensai e Meditai em Deus -Loriga 1990- Nossa Senhora Livrai-nos de todo o mal", Cantava o Fado de Coimbra, do qual era um grande entusiasta. Ao cantar, a sua voz emocionada deliciava as gentes de Loriga, e foram muitas as serenatas que ao longo da sua vida fez, na companhia de outros loriguenses.

Um dia foi homenageado por um grupo de loriguenses, como prova de gratidão pela maneira simples e singela como se dedicava a cantar fado de Coimbra, com os amigos, homenagem que muito o sensibilizou e da qual falava vezes

sem conto.

Foi submetido a várias cirurgias, mas a sua grande força e fé, tornavam-no forte para poder suportar tudo com designação. Nos próprios hospitais, apesar da gravidade da sua enfermidade, era ele que prontamente dava estímulo aos outros doentes.

Era casado com Maria do Anjos Alves Pereira, também de Loriga e pai de Maria de Fátima Alves Amaro Gonçalves.

Faleceu em 18 de Fevereiro de 2003, ficando Loriga mais pobre ao ver partir um dos seus filhos mais queridos. Foram muitos o loriguenses que o acompanharam à sua última morada, sendo o funeral realizado para o cemitério local onde ficou sepultado.



António Pinto Ascensão
1920 - 2005

Nasceu em Loriga em 8 Setembro de 1920, filho de Joaquim Pinto Ascensão e de Amélia de Jesus Florêncio.

"Mestre Ascensão", como muitos assim o chamavam, foi um dos maiores e mais conceituados maestros de música de Loriga e até mesmo da região.

Muito novo ainda, e depois de concluir o ensino primário, onde foi "aprovado com distinção", começou a trabalhar numa das fábricas da indústria de lanifícios local. Mas foi também desde muito novo que nasceu nele a paixão pela música e, por isso, em 1935 iniciou a aprendizagem de música na Banda de Loriga onde foi executante de grande valor até 1948, ano em que assume pela primeira vez a regência da banda.

Casou em 15 de Junho de 1946 com Maria dos Anjos de Brito Saraiva, casamento que durou 59 anos, só interrompido com a sua morte. Tiveram nove filhos, oito ainda vivos. Apesar das dificuldades de então proporcionou a todos uma educação de nível médio ou superior.

Homem de convicção e de ideias firmes, caracterizava-o o seu espírito de iniciativa e acção, lutando sempre por aquilo em que acreditava, principalmente, pela sua terra que tanto adorava. Verdadeiro bairrista e querendo o melhor para a sua terra, nunca deixou de apresentar soluções e ideias, tanto de viva voz como através da sua pena nos jornais, nomeadamente, da região sendo, por vezes, mal compreendido.

Nos anos 50, António Pinto Ascensão, foi pioneiro da exibição de filmes em Loriga o que, de certa forma, contribuiu para dar novos horizontes aos jovens, numa altura em que a juventude em Loriga atingia números significativos. Foi de facto, na época, uma lufada de cultura pois a maioria da população, principalmente os jovens, não sabiam o que era a 7ª arte.

Na década de 60, fecha a fábrica Leitão & Irmãos, onde trabalhava como

encarregado de Ultimação. Desempregado e com quase 50 anos de idade, e todos os filhos a estudar, iniciou uma nova vida, abrindo uma loja em Loriga, no ramo dos electrodomésticos, situada na "Carreira", tornando-se um conceituado comerciante muito conhecido na região.

Por várias vezes foi regente da Banda da sua terra (1949/53; 1962/65; 1982/87). Era um inovador por natureza quando assumia a regência de qualquer Banda, tendo sempre presente a preocupação de arranjar repertório novo, que tornaria qualquer Banda de música bastante mais rica.

Quando da sua última passagem pela Banda Recreativa Musical de Loriga, 1982/87, foi o grande impulsionador da criação da publicação "A Voz da Banda" que teve, na altura, uma certa expressão, a qual, depois da sua saída, deixou de ser publicada.

Ainda nessa altura, e por sua iniciativa, a Banda teve uma Escola de música, reconhecidamente muito importante, à qual aderiu muita juventude. Bem como, foi criado em Loriga o grupo "Amanhã", ao qual o mestre Ascensão deu preciosa ajuda contribuindo no aperfeiçoamento deste grupo de jovens de cantares tradicionais.

Foi da sua autoria, a introdução do Hino "Ó Padroeira Amorosa" na Festa da Nossa Senhora da Guia em Loriga, que remonta ao ano de 1950, um arranjo do original cântico "Ó Padroeira Amorosa" que se cantava e ainda hoje se canta à Senhora da Nazaré na cidade de Belém-Pará-Brasil.

Sem nunca deixar a sua dedicação à música foi, durante cerca de 14 anos, regente da Banda de São Romão, onde desempenhou um trabalho de grande relevo ainda hoje ali recordado. Regeu também, durante algum tempo, as Bandas de Torrozeiro e Paços da Serra.

Frequentou um curso de Aperfeiçoamento e Didáctica Musical na Fundação Calouste Gulbenkian onde enriqueceu os seus conhecimentos musicais, que o habilitaram para dar aulas de Educação musical, primeiro no Externato Nossa Senhora da Conceição em São Romão e depois na Escola do Ciclo Preparatório em Loriga.

Foi presidente da Junta de Freguesia de 1972 a 1976, anos problemáticos, em que os meios financeiros eram escassos, conseguindo levar a efeito obras de grande vulto, projectando Loriga como Vila mais moderna e, onde a preocupação ambiental foi sempre presente, tendo nessa altura sido levada a efeito uma grande campanha de incentivo junto à população, para uma Loriga mais limpa.

É de registar o facto de que, após a revolução do 25 de Abril de 1974, a Junta de Freguesia recebeu o voto favorável dos loriguenses numa reunião realizada no Salão Paroquial, completamente cheio.

Foi o grande impulsionador e um dos fundadores da Associação de Apoio à Terceira Idade, um carência em Loriga, que apesar de o percurso não ter sido pacífico, contou sempre com a força e o dinamismo do senhor António Pinto Ascensão, para prosseguir, e que veio a concretizar-se, com a sua fundação em 12 de Julho de 1990, sendo uma mais valia para os idosos da sua terra. Foi o primeiro presidente desta Associação.

O "Mestre Ascensão" era um verdadeiro compositor de peças de cariz popular, tendo ao longo da sua vida feito recolhas, e passou para o papel inúmeras cantigas populares que, de outra forma, se teriam perdido.

Em 1988, foi ao maestro António Ascensão que o Etnomusicólogo Michel Giacometti se dirigiu com o intuito de recolher os cânticos da Ementa das Almas de Loriga. As gravações foram feitas em 5 de Outubro na Escola Primária de Loriga.

A sua paixão pela música parecia ocupar todo o seu tempo. Entretanto, e com mais de setenta anos, "descobriu" o computador para registar dezenas de obras que graciosamente colocou à disposição das bandas de música da região, ganhando mesmo vários prémios.

Em 1994, foi autor da letra e da música da marcha de São João, classificada em primeiro lugar na cidade de Viseu. Em 1997 voltou a

brilhar nesta cidade ao conquistar novamente o primeiro lugar no concurso das marchas populares de Santo António. A marcha que apresentou ganhou ainda os prémios para o melhor arranjo musical e para a melhor letra. Integrado na Associação Humanitária de Paranhos da Beira, o "Mestre Ascensão" obteve nos anos 2003 e 2004, o primeiro prémio destinado a temas de canções e poesia entre idosos, que anualmente se realiza nos Concelho de Seia e Gouveia

No dia 3 de Julho 2003, a convite do Presidente da Câmara Municipal de Seia, o maestro Ascensão, dirigiu, em simultâneo, sete bandas do concelho - Loriga, Seia, São Romão, Torrozel, Tourais, Carragozela e Santa Marinha, na interpretação de uma marcha da sua autoria, especialmente composta para esse dia, com o tema "3 de Julho dia de Festa" , dedicado à inauguração da remodelação do edifício dos Paços do Concelho, e ao mesmo tempo assinalando as comemorações do XVIII aniversário da elevação de Seia a cidade.

Em 2005, apresentou em Loriga uma Marcha para as festas de São João. É também da sua autoria a marcha do Centenário da Banda de Loriga, a comemorar em Julho de 2006, que a actual Direcção em boa hora lhe pediu para compor, o que fez com muito prazer e orgulho e que intitulou "Cavalgando no Futuro".

A última manifestação pública, aconteceu no dia 11 de Outubro 2005, altura do seu 85º. Aniversário, quando a Banda Filarmónica de Tourais se deslocou, propositadamente, a Loriga, para lhe fazer uma singela homenagem, num reconhecimento público, ao trabalho e dedicação do "Mestre Ascensão" por aquela Banda.

Poucos dias depois de ter completado 85 anos de idade, faleceu em Viseu no dia 29 de Outubro de 2005, onde se tinha deslocado para um controle de saúde. O funeral realizou-se em Loriga no dia seguinte, sendo sepultado no cemitério local.

Terminou assim, a partitura da sua vida recheada de acordes harmoniosos, pautada pelo rigor e pela disciplina. Uma vida que começou no tear e acabou no computador, sempre com a harmonia que a música exige. Loriga viu também partir um dos seus maiores bairristas, ao qual muito ficou a dever e quem (qual fado de Loriga) nunca agradeceu.



Carlos Leitão Bastos
1920 - 2006

Nasceu em Loriga no dia 1 de Fevereiro de 1920, filho de Carlos de Jesus Bastos e de Maria do Patrocínio Reis Leitão.

Ainda muito novo foi para Lisboa, onde começou a estudar, vindo a formar-se mais tarde em medicina. Iniciou a sua actividade profissional no Instituto Português de Oncologia como assistente de Anatomia Patológica, passando ainda pelo Hospital de Santa Maria, onde esteve durante algum tempo. Habilitado pelo Instituto de Medicina Tropical exerceu, também, por algum tempo, clínica em Luanda.

Desenvolveu trabalhos de investigação, um dos quais sobre **ESFREGAÇOS EM PARAFINA**, em que os resultados foram publicados em separata da revista

Clinica Contemporânea tomo III Nr. 30 - Dezembro de 1949.

Radicado em Campolide (Lisboa) desde 1944, ali veio a instalar o seu consultório e nele exercer a sua nobre profissão. Médico ilustre de elevado profissionalismo e competência técnica, ao longo de mais de cinquenta décadas teve o seu consultório instalado no pitoresco bairro de Campolide em Lisboa, onde era credor do maior afecto e simpatia por toda a gente.

Devotou-se à medicina com paixão e total respeito por valor éticos. A sua solidariedade com os economicamente débeis, granjeou ao longo da sua vida enorme popularidade, nomeadamente no "seu" bairro de Campolide, cujas instituições ainda hoje realçam este traço marcante da sua personalidade. Sempre com o estetoscópio, que colocava aos ombros, assim que chegava ao seu consultório, caracterizava-o a sua maneira simples, sincera e franca, ao mesmo tempo de grande humanismo e nobreza de carácter e espírito de solidariedade.

Era conhecido por "médico do povo" onde, a sua determinação e firmeza, aliadas a uma certa humanidade, o levou muitas vezes a consultas gratuitas a domicílios no Casal Ventoso, bairro problemático de Lisboa e bem perto de Campolide.

Nos tempos negros da ditadura do salazarismo ficou também conhecido como o "pai dos pobres", devido às suas atitudes solidárias, que segundo a PIDE, o procuravam associar ao ideário comunista.

Loriga era uma das suas paixões, adorava a sua terra e nutria um verdadeiro carinho e afecto pela suas gentes. Desde muito novo participou activamente em iniciativas, que com outros jovens loriguenses, também estudantes em Lisboa, os levaram à fundação do Centro de Assistência, numa altura em que a mortalidade infantil atingia a elevada taxa de 47%.

Colaborou numa exposição "Loriga vista pelas crianças", com a realização de palestras sobre saúde pública, veterinária, cultura geral e agronomia, que tiveram lugar no Salão da Residência Paroquial e que foi de muita utilidade na época.

Apoiou com entusiasmo, inúmeras diligências junto das entidades competentes, para elevar o nível de escolaridade em Loriga e que culminaria na construção da Escola.

Foi o primeiro Director do Jornal "A Neve", fundado por ele e por um grupo de amigos e bairristas Loriguenses, no ano de 1949, em Lisboa. Jornal que teve o seu primeiro número em Março desse ano onde se podia ler no prefácio da sua primeira página -Por tudo e por todos - A bem de Loriga e da região.

Como se disse, foi o primeiro e único director do Jornal "A Neve" enquanto na primeira fase da publicação de 1949 até 1951, ano em que foi interrompida a sua publicação para, anos mais tarde, voltar a surgir mas, desta vez, como Boletim Paroquial, que ainda hoje existe.

Verdadeiro bairrista e amigo de Loriga, que apesar de estar fora estava sempre atento a tudo que se relacionasse à sua terra, nunca deixando, sempre que se tornasse oportuno, de apresentar as suas ideias ou pontos de vista. Deu, igualmente, todo o apoio à constituição da ANALOR e, sempre que podia, colaborava no jornal "Garganta de Loriga".

Foi ao Dr. Bastos, que se ouviu pela primeira vez falar em turismo rural quando, em determinada época, ele chegou a dizer existir potencial para, nesta área, poder haver um meio de desenvolvimento para Loriga. Idealizou projectos de desenvolvimento para um futuro turismo rural na sua terra, tendo mesmo dado os primeiros passos, não se chegando a concretizar, infelizmente, por falta de apoios.

Grande entusiasta pelo Campismo e pelo Atletismo, era um fervoroso adepto e associado do Sport Lisboa e Benfica, tendo sempre o hábito de dizer, para que todos soubessem, "ser um benfiquista ferrenho". Chegou a ser galardoado com a "Águia de Ouro" pelo Sport Lisboa e Benfica.

Pessoa de ideias firmes, costumava dizer que nada neste mundo o fazia abandonar a medicina, porque "parar depois da reforma é morrer" e, por isso, aos 83 anos ainda exercia a sua nobre profissão, com toda aquela sua energia com que sempre se conheceu.

Faleceu em Lisboa no dia 12 de Fevereiro de 2006, o funeral realizou-se para a sua terra natal, onde foi sepultado no cemitério local, como sempre foi o seu desejo.

Loriga viu partir um grande bairristas e amigo da sua terra, ao qual muito ficou a dever, vendo-se também partir aquele, que na sua nobre missão, aliviou muitas vezes o sofrimento de todos aqueles que o procuravam.

Armando Fernandes dos Santos

1921 - 1952

Armando "Folhadosa" assim conhecido, era natural de Loriga onde nasceu no ano de 1921, ficando órfão ainda muito novo, depois de fazer a quarta classe foi trabalhar e viver com o padrinho Sr António Folhadosa, um oficial sapateiro com nome nas redondezas, que tinha uma sapataria junto ao Poleirinho, por onde também passariam outros que mais tarde se viriam a tornar grandes sapateiros.

Anos depois da morte do padrinho, o Armando viria a tomar conta da gerência da sapataria, onde se viria a tornar num sapateiro de sucesso. No entanto, viria a morrer ainda muito novo, vítima de uma doença existente nesses tempos, que o minava e para a qual na época ainda não era possível a cura eficaz.

Foi um grande dinamizador do futebol em Loriga, onde jogava a guarda-redes, e foi no apogeu da sua mocidade que foi fundado o Grupo Desportivo Loriguense, tendo os fundadores encontrado no Armando "Folhadosa" um dos principais apoiantes. Nessa altura não havia campo de futebol e era no Terreiro da Lição, Fonte do Mouro, Sargaçal e mais tarde o Campo da Vista Alegre onde era jogado esse desporto, o único em Loriga na época.

Acérrimo defensor e grande adepto do Sporting que nessa altura dominava por inteiro o panorama futebolístico nacional, foi ele que lançou a semente do seu sempre querido clube cujos adeptos estavam em maioria em Loriga. A sua sapataria era um repositório dos grande ídolos daqueles tempos, Soeiro; Peyroteo; Pireza; João Cruz; Azevedo; Cardoso; Mourão; os famosos violinos etc., onde ali podiam ser vistos em todos os tamanhos.

Com naturalidade, a sua sapataria era lugar de tertúlia, onde todos se informavam e discutiam os assuntos desportivos, principalmente o futebol, e onde os jornais e revistas da época:- Sports, Stadium e o recém aparecido "A Bola" faziam parte da mobília.

Faleceu em 10 de Maio de 1952 com apenas 31 anos, sendo sepultado no cemitério local, vendo Loriga partir um grande desportista que muito tinha a dar à sua terra, mas que infelizmente, ainda muito novo partiu para sempre.



Ilídia Nunes Pina Prata

1921 - 2000

Nasceu em Loriga, a 5 de Fevereiro de 1921, notabilizou-se no ensino que durante décadas desempenhou com uma grande dedicação e alegria de ensinar. Frequentou em Loriga o ensino primário. Rumou depois para Viseu, onde concluiu o ensino secundário no grande Colégio Português. Em 1944 ingressou na Escola do Magistério Primário de Coimbra, tendo concluído o curso em 1946.

Nesse mesmo ano, regressou à sua terra natal para iniciar a sua actividade como professora do 1.ciclo do ensino básico. Em 1949, obteve a nomeação como efectiva para a Escola Primária de Vasco Esteves, onde se manteve até 1953, data a partir da qual foi colocada na Escola Primária do Pereiro.

Em 1961, passou a fazer parte do quadro da Escola Nr.1 de Seia, onde permaneceu durante 30 anos precisamente até 1991.

Aposentou-se com 45 anos de serviço e 70 anos de idade, tendo ao longo de todos esses anos granjeando a amizade e a estima dos habitantes de Seia e dos seus conterrâneos.

Foi-lhe atribuída, pela Câmara Municipal de Seia, a Medalha de Mérito da Cidade. Faleceu em Coimbra no dia 3 de Maio de 2000, vendo os Loriguenses desaparecer uma sua conterrânea que, notabilizando-se fora de Loriga, deixou mais enriquecida a história desta localidade.



António Mendes Cabral
1921 - 1976

Nasceu em Loriga em 16 de Fevereiro de 1921, filho de Alfredo de Mendes Cabral e de Maria Emília Moura Cabral.

Desde muito novo era visível uma certa ideia objectiva, nomeadamente, uma inclinação num futuro apostolado. Ingressando no seminário logo após completar a escola primária na sua terra.

Foi ordenado sacerdote em 26 de Novembro de 1944 na cidade da Guarda, tendo celebrado a sua primeira missa na semana seguinte (1 de Dezembro) em Loriga. Foi colocado como coadjutor na Guarda-Gare, sendo assim o começo da sua vida sacerdotal.

Foi pároco em Girabolhos, Torroselo, Folhadosa e Vila Cova, Fatela e por fim na Cabeça, em todas as localidades deu um pedaço da sua vida espalhando a graça de Deus com a verdade do Evangelho e onde efectuou um trabalho de relevo e por isso ainda hoje é recordado.

O padre Cabral tinha a paixão da história, e por vezes nas suas homilias dava por si a dar aulas de história aos seus paroquianos. Foi professor de história na Escola C+S de Loriga, contagiando os seus alunos com a sua paixão. Ao ver que um dos seus alunos gostava de história como ele, emprestava-lhe livros e deixava-o frequentar a biblioteca da casa que possuía junto da Igreja Matriz. Esse seu antigo aluno ainda hoje se dedica ao estudo da história, e a ele se deve o conhecimento da história antiga de Loriga e a sua divulgação.

Em 1969 celebrou na Cabeça as Bodas de Prata da Ordenação, no entanto, Loriga não quis deixar também de homenagar, este seu filho e amigo neste seu aniversário festivo, tendo-se realizado no dia 8 de Dezembro em Loriga, por ser festa da Imaculada Conceição, uma singela homenagem, à

qual se associou muito povo, recebendo também muitas ofertas em nome da Comunidade Loriguense.

Faleceu subitamente em Loriga, em Janeiro de 1976 com a idade de 56 anos. As cerimónias fúnebres foram presididas pelo senhor Bispo da Guarda, D. Policarpo da Costa Vaz, concelebrando com muitos sacerdotes que se deslocaram a Loriga. O funeral realizou-se para o cemitério local, onde se incorporaram muitas pessoas que o acompanharam à última morada, onde ficou sepultado.



Carlos Pinto Ascensão
1922 - 1997

Nasceu em Loriga no dia 25 de Dezembro de 1922, onde também frequentou a escola primária, filho de Joaquim Pinto Ascensão e de Amélia de Jesus Florêncio. Com 13 anos de idade seguiu para o Seminário tendo passado por Santarém, Almada e Olivais. Anos mais tarde abandonou a vida eclesiástica e, no ano de 1944, ingressou como funcionário na Casa Pia de Lisboa.

Entregando-se ao trabalho de educação dos adolescentes especialmente aos deficientes visuais e auditivos, foi ocupando nesta instituição sempre cargos de relevância, onde foi também granjeado a simpatia geral, vindo mesmo a ocupar funções directivas, nomeadamente no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, tendo sido também Presidente da Associação Portuguesa de Professores e Técnicos de Reabilitação de Surdos.

Personalidade de reconhecido prestígio no plano internacional, viajou por todo o mundo em representação da Casa Pia, sempre com grande sentido do cumprimento do dever. Foi representante de Portugal no BIAP - Bureau Internacional de Audiophonologie, sendo por sua iniciativa criada uma Comissão Internacional a que presidiu desde a sua criação.

Ao longo da sua carreira escreveu muito, principalmente dos temas que ele tão bem conhecia relacionados com o deficiente, colaborando em vários jornais e revistas destacando-se entre outros:- Diário popular; A Capital; o Diário de Notícias e a Flama.

Dedicando toda a sua vida àquela Instituição, apesar de aposentado em 1992 a ela continuou ligado como Director da Revista da Casa Pia de Lisboa e também como Presidente da Associação Portuguesa de Professores e Técnicos de Reabilitação de Surdos.

Era por vezes acusado de ter esquecido Loriga, ao que ele respondia "Que se lembrava da sua terra todos os dias, e se há quem pense que ser bairrista é estar sempre presente em cima da terra, ser bairrista é fazer pela terra tudo quanto se pode sem se esquecer dela".

Foi um dos fundadores do Jornal "A Neve" em 1949, tendo colaborado com os seus escritos nos programas das Festas da Vila realizadas na década 50 e 60, escrevendo ainda alguns artigos no Jornal "Garganta de Loriga" nestes tempos mais recentes.

Em 17 de Março de 1993, no Palácio da Ajuda, o Dr. Carlos Ascensão recebeu das mãos do então Presidente da República, Dr. Mário Soares, as insígnias de Comendador da Ordem de Mérito, numa consagração oficial e pública de uma vida dedicada à solidariedade.

Faleceu no dia 23 de Agosto de 1997, vendo Loriga partir um dos seus

filhos que se notabilizou fora dela, mas que a deixou mais enriquecida na sua história.



José Nunes Moura
1923 - 2006

Nasceu em Loriga, no dia 24 de Março de 1923, filho de José Nunes Luiz e de Palmira Brito Moura.

Depois de concluir a escolaridade obrigatória, prosseguiu outros estudos, tendo-se especializado em Técnico Debuxador.

Regressou à sua terra e ingressou na Fábrica da Fândega e, mais tarde, na Sociedade Moura Cabral.

Homem de trato fácil e de uma amabilidade extrema era, acima de tudo, um homem de corpo inteiro, sempre presente nas iniciativas em prol de Loriga demonstrando, assim, um louvável bairrismo e um profundo respeito e adesão aos valores do associativismo.

Fez parte dos órgãos sociais de várias colectividades da sua terra, nomeadamente, da Banda Filarmónica, do Grupo Desportivo, do Sindicato, bem como fez parte da autarquia como Secretário da Junta de Freguesia, mandato dos últimos anos da década de 1950.

Em 1961 constituiu uma sociedade comercial com os senhores Carlos Nunes Cabral e seu filho Carlos Nunes Cabral Júnior, designada "Carlos Cabral, Limitada", com sede em Lisboa, na Rua da Prata, nº 199, 1º. Esquerdo, com vista à comercialização de fazendas e lanifícios.

Radicou-se então em Lisboa, onde passou a desempenhar a sua actividade.

Após a extinção da referida sociedade, passou ele próprio a dedicar-se à comercialização de fazendas e também de malhas, tendo instalado o seu escritório na Praça da Figueira, onde esteve sediado durante muitos anos.

Adorava a sua terra, que visitava com regularidade, estando sempre muito atento a tudo que se relacionava com Loriga sendo, por isso, bem reconhecido o seu bairrismo e dedicação às causas em prol da sua terra.

Qualquer iniciativa levada a efeito, a presença do senhor José Moura era uma referência, mostrando sempre disponibilidade para dar o seu apoio. Até mesmo nos funerais dos seus conterrâneos falecidos em Lisboa, era sempre uma presença pois, de maneira alguma faltava para os acompanhar à última morada.

Casado com Maria Teresa Nunes Cabral, da qual teve três filhos e, com netos e bisnetos era-lhe reconhecido a grande dedicação à sua família. Em 14 de Março de 1997, sofre um rude golpe com a falecimento da sua esposa. Desde então, passou a ver-se o senhor "Zé Moura" como popularmente era assim chamado, caracterizado com o preto do luto.

Foi um grande apoiante da Associação de Apoio da 3ª. Idade, da qual era associado e que não esqueceu, tendo deixado em testamento a quantia de 5.000 Euros a esta associação. Entre outras doações não esqueceu também a Banda, à qual doou um belíssimo e artístico móvel, que veio enriquecer uma das salas desta instituição musical.

Construir uma casa na sua terra, era uma sonho que sempre alimentou, o

qual veio a concretizar e onde, com mais regularidade, pode passar um pouco mais do seu tempo.

Foi convidado de honra nas comemorações do Centenário da Banda realizadas em Julho de 2006, o último acto público em que esteve presente, antes da doença que o vitimou.

Faleceu em Lisboa, no dia 3 de Novembro de 2006, com a idade de 83 anos. O funeral realizou-se em Loriga, onde foi sepultado no cemitério local, vendo os loriguenses desaparecer um seu conterrâneo, com uma personalidade bem marcante, caracterizada pela simpatia e simplicidade na sua relação com os outros, pelo seu sorriso amável, e também pela estima e o respeito como tratava toda a gente.



Manuel Dinis Pereira
1923 - 1996

Nasceu em Loriga a 1 de Junho de 1923, vindo a notabilizar-se ao longo de muitos anos pelo seu desempenho profissional no serviço de saúde, não só na sua terra como ainda nas freguesias periféricas. Era o Enfermeiro, mas em certas situações pareceu ser o médico.

A sua humildade tornavam-no num homem simples, sendo um grande bairrista que adorava todas as coisas da sua terra. Além de tudo era um loriguense convicto e que acreditava na palavra, por isso a popularidade e a amizade que sempre granjeou dos seus conterrâneos.

Após concluir a escola primária o médico de Loriga Dr. Andrade, chama-o para o seu consultório, passando a ser o seu "moço de recados" o que durante anos não parecia passar disso mesmo. No entanto o "Ti Manel Barriosa" como era assim chamado, foi deitando o olhar por tudo o que o rodeava.

Tornou-se um ajudante imprescindível do médico, com quem teve sempre um bom relacionamento, muito embora este só o tenha inscrito na Previdência Social um pouco tarde, colaborou, após a morte do Dr. Andrade, com o filho deste, Dr. Jorge Andrade e, mais tarde, durante muitos anos, com o Dr. Bandeira.

Foi adquirindo experiência, e apesar de não ter curso de enfermagem, adquire mesmo o estatuto de enfermeiro de Loriga. Deu injeções sem conto e, neste serviço de enfermagem aventura-se mesmo a fazer muito mais, chegando ao ponto de tirar dentes e a dar sem querer nada em troca medicamentos que ele por vezes conseguia de amostras de propaganda médica. Esta figura de Loriga marcou na sua terra uma época em que nunca poderá ser esquecido, destacando-se entre outras actividades, o ter sido um potencial impulsor do teatro amador nesta localidade. Muitos ainda recordam quando pela sua mão houve a possibilidade de ser colocada em cena a "Casa do Pai" talvez um dos maiores êxitos que o teatro amador desta Vila conheceu. Homem simples e bom, foi sem dúvida muito importante e de grande utilidade para Loriga, pois estava sempre pronto para ajudar em tudo que fosse realizações de carácter cultural na sua terra. Havia até quem o chamasse de "festeiro", atendendo às ideias e iniciativas que pôs em prática, mesmo sendo ele a pagar do seu próprio bolso, para que tudo

fosse possível fazer.

Fez parte da Direção da Banda de Música durante muitos anos, onde ainda hoje é recordado com saudade e foi, durante sete anos mordomo da Festa da N.S. da Guia, sendo ele também o promotor, em 1963 das primeiras marchas populares realizadas em Loriga.

Os tempos mudaram foram surgindo os enfermeiros habilitados, o "Ti Manel Barriosa" o "Enfermeiro" de Loriga deixou de ser menos solicitado, mas nem por isso foi esquecido por muitos a quem ele, dedicadíssimo, prestou preciosa assistência. Faleceu a 21 de Outubro de 1996, vendo a população partir aquele que, na sua nobre missão, aliviou muitas vezes o sofrimento de todos aqueles que o procuravam.



Laura Moura Pina
1923 - 2007

Nasceu em Loriga em 19 de Fevereiro de 1923, filha de Plácido Aparício Pereira e de Maria do Carmo Moura Pina.

De muito nova se apegou às coisas da Igreja na sua terra. Logo na catequese, entrou para o organismo das filhas de Maria, e da Cruzada, no tempo do saudoso Padre Lages e não mais se viria a despegar dos diversos organismos católicos da sua terra.

Catequista zelosa durante largos anos. Zeladora do Apostolado da Oração e desagravo ao Sagrado Coração de Jesus. Era vê-la em muitas procissões, levando bem erguido o guião, sem que algum complexo lhe assaltasse a sua mente. Locista, interveniente nas famílias com problemas sociais e outros. Cantora de sempre nos grupos corais da Igreja, tinha muito gosto de cantar era mesma uma apaixonada, cantava como ninguém todo o Te Deum de Perosi sem falhar nada, tinha um hábito de entoar bem alto a sua voz "que era para Nosso Senhor a ouvir" como costumava dizer.

Casou com José Duarte Gouveia conhecido por "Zé da Volta" que era para ela o melhor marido do mundo. Tiveram 10 filhos, mas chegaram a criar 11, ao ter tomado conta do filho da sua irmã falecida em Coimbra logo após o parto. Criou o seu sobrinho Joaquim ao mesmo tempo da sua filha Filomena, costumando dizer "que era uma mama para cada um".

A tia Laura da "Santa Eufêmea" como popularmente era assim conhecida foi no campo das habilidades, uma pessoa fora de série, nomeadamente nas suas qualidades inigualável na área de laborar rendas, manejava as agulhas como ninguém era capaz de o fazer.

Tudo imaginava e tornava mais belo desde labores simples aos mais complicados, ao ponto de ornamentar as garrafas, com vestidinhos todos diferentes, cada qual com o seu chapeuzinho. A sua última paixão e da qual se orgulhava era fazer terços de renda que oferecia às pessoas com o propósito que fossem rezados, mesmo já doente no Hospital no Luxemburgo, chegou a fazê-los para depois os oferecer às enfermeiras. Na realidade os seus trabalhos mereciam figurar em museu tal é a grande obra de arte que executou ao longo dos anos.

Quis Deus que a Tia Laura fosse morrer ao Luxemburgo, onde se encontrava de visita à família, cumprindo assim a mesma sina que seu filho Tó que ali morreu precisamente no mesmo Hospital. Regressou já sem vida à sua terra

onde foi sepultada no cemitério local, vendo os loriguenses desaparecer uma das sua conterrâneas reconhecidamente admirada e estimada por todos.



Joaquim Jorge Reis Leitão
1926 - 1994

Nasceu em Loriga em 5 de Novembro de 1926, filho de Emílio Reis Leitão e de D. Adélia Jorge Leitão. Fez na sua terra a escola primária, indo de seguida para o Liceu e depois para o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Estudante brioso e muito cumpridor, salientou-se no meio estudantil em que esteve envolvido onde acima de tudo eram bem evidentes a suas qualidades de inteligência e personalidade. Pouco tempo depois da sua licenciatura, foi Professor provisório da Escola Preparatória Nuno Gonçalves de Lisboa de 1953 a 1954, e nessa mesma Escola foi, a partir de 1957 a 1959 Professor secretário e de 1959 até 1967 Subdirector.

Colocado no Ministério da Educação fez uma brilhante carreira ao longo de 37 anos, sempre desempenhando elevados cargos, tendo ainda participado em grupos de trabalhos e outras missões, como por exemplo na Presidência dos diversos júris de concursos de habilitação para pessoal administrativo, nomeadamente chefes de secretaria de estabelecimento de ensino.

Teve ainda algumas participações em grupos de trabalho e outras missões, destacando-se entre outras as de Membro da Comissão Organizadora do Congresso Nacional do Ensino Técnico realizado em 1968, Revisão das estruturas administrativas dos estabelecimentos de ensino preparatório e secundário e frequência de um estágio em Paris para estudo da gestão dos estabelecimentos do ensino secundário franceses patrocinado pela OCDE. Grande amigo da sua terra e muito bairrista onde, por norma, se deslocava semanalmente, foi um grande obreiro para a criação da Escola Secundária nos finais da década de 1960 e cuja inauguração foi efectuada pelo então Ministro da Educação Dr. José Hermano Saraiva que foi recebido pela Banda de Loriga executando o Hino da Maria da Fonte.

Foi um dos fundadores do Jornal "A Neve" em Lisboa no ano de 1949, publicação que viria a ser interrompida poucos anos depois, passando mais tarde a ser publicado como Boletim Paroquial.

Veio a ter grande influência na construção da Escola EB em Loriga à qual desde logo foi posto o seu nome:- Escola EB 2.3 Reis Leitão-Loriga, numa prova de gratidão da localidade, a tão grande bairrista loriguense.

Faleceu em Lisboa a 29 de Agosto de 1994, sendo sepultado no cemitério de Benfica, longe da sua terra que tanto adorava, tendo a Vila de Loriga perdido uma das suas maiores figuras que em muito contribuiu para o desenvolvimento da sua terra.



Álvaro dos Santos Aparício
1926 - 2007

Nasceu em Loriga em 22 de Outubro de 1926, filho de Luciano dos Santos Aparício e de Maria Emília Mendes dos Santos.

Não chegou a conhecer o seu pai, pois quando nasceu já ele tinha embarcado para o Brasil, destino comum de muitos loriguenses na época. Já crescido, o pai ainda o tentou levar para junto dele onde já se encontravam a irmã e irmão, só que a sua mãe não o permitiu.

Grande bairrista, amava a sua terra como ninguém. Foi um cidadão exemplar, que dignificou a sua vida na comunidade, tornando-se uma das suas principais referências sociais e morais pela sua integridade e verticalidade, que eram mais que evidente na sua maneira própria de viver em bem.

Sempre muito devoto, bem como a sua esposa, estava sempre disponível para colaborar nas actividades promovidas pela Igreja, em que se destacam os Cursos de Cristandade e a Liga Eucarística dos Homens. Pertenceu, e é bem lembrado, o seu envolvimento na JOC (Juventude Operária Católica) e na LOC (Liga Operária Católica), que tiveram no senhor Álvaro Aparício um dos seus mais importantes membros.

Foi um dos sócios fundadores da Cooperativa Popular de Loriga e do Socorro Paroquial Loriguense, fez parte de diversas direcções da Irmandade das Almas e do Santíssimo Sacramento de Loriga, bem como de vários outros organismos.

Solidariedade, amor ao próximo, dignidade profissional, desportista e activista cultural, transmitiu valores que perduram como guia de conduta social com gestos cativantes de humanidade e valores.

A sua actividade profissional foi quase toda ela dedicada à firma Metalúrgica Vaz Leal, onde trabalhou cerca de quatro décadas. Logo após ter terminado a escola primária, começou a trabalhar na oficina Pedro Vaz Leal, nessa altura ainda na chamada "Forja" situada no Cabeço, que mais tarde passou para o Terreiro da Lição. Depois de meia dúzia de anos na oficina do Joaquim Correia (Casegas) voltou novamente para o Pedro Leal mas, desta feita, para a oficina já situada na Vista Alegre, onde esteve até se reformar aos 62 anos.

Possuidor de uma energia que venceu desafios, independente dos poderes estabelecidos, colocou-se sempre ao lado dos mais humildes e pelas mais nobres causas, estando sempre atento a tudo que se relacionasse com a sua terra.

Foi presidente da Junta de Freguesia de Loriga num mandato de três anos, de 1977 a 1979, nas primeiras eleições realizadas democraticamente, encabeçando a lista do Partido Socialista, da qual também faziam parte a D. Helena Leitão e o Sr. Horácio Ortigueira.

Foram anos problemáticos à frente da autarquia, numa altura em que corriam os primeiros anos da democracia e que a situação do país era ainda um pouco confusa. Por outro lado, a escassez dos meios financeiros tornavam ainda mais difícil a tarefa de dirigir a Junta de Freguesia tendo, apesar de tudo, efectuado um trabalho digno de relevo ainda hoje muito recordado. De vários melhoramentos levados a efeito no seu mandato, destaca-se a

construção do Ringue de Patinagem, num complicado processo da ocupação dos terrenos, pertencentes à Fundação Cardoso de Moura. Foram também concluídas as obras do abastecimento de água e saneamento em toda a vila. Como também foram efectuadas as obras para o alteamento e reforço de muros dos Poços de Loriga (Serrano e Covão das Quelhas), que se vieram a tornar de importância vital para a terra.

Foi determinante, e também de grande realce, o seu envolvimento como presidente da Junta de Freguesia, na reorganização da Banda de Música de Loriga em 1978, após mais uma crise, (na altura encontrava-se encerrada), tendo sido igualmente fundamental o grande apoio e a contribuição dada por António de Brito Pereira o "Mestre Barriosa" como assim era chamado.

Depois de finalmente organizada, a Banda retomou a sua actividade, o que aconteceu no dia do Corpo de Deus, estando ainda na lembrança de muitos loriguenses, quando nesse dia foi recebida na "Praça" com grande ovação.

Foi, também, nessa altura, que a Banda foi inscrita na Federação Portuguesa das Actividades de Cultura e Recreio.

No ano seguinte, em 24 de Junho de 1979, a Banda realizou uma digressão a Sacavém para obter apoios da comunidade loriguense. Para esse efeito, foi organizado um convívio na Quinta do Seminário dos Olivais e também um concerto na Cooperativa de Sacavém, bem difundido pela imprensa escrita, onde também esteve presente o senhor Álvaro Aparício na sua qualidade de presidente da Junta, que deu uma importante entrevista onde realçava as carências de Loriga.

Casado com a D. Irene Gomes Dinis Prata, eram-lhe reconhecidos os atributos de dedicação à esposa e filhos. Também a sua humanidade e amizade para com os outros o fez sempre granjear a estima e admiração dos seus conterrâneos. Em 12 de Outubro de 1997, sofreu um rude golpe com o falecimento da sua esposa.

Os últimos anos da sua vida foram vividos na Casa de Repouso da Nossa Senhora da Guia em Loriga, onde faleceu no dia 24 de Julho de 2007, com 81 anos, tendo sido sepultado no cemitério local, vendo Loriga desaparecer mais um dos seus filhos a quem tanto ficou a dever, e os Loriguenses viram partir mais um seu conterrâneo, uma notável figura por quem tiveram sempre uma grande admiração e estima.



José Moura Mourita
1928 - 1998

Natural de Loriga onde nasceu em 12 de Julho de 1927, filho de Joaquim Moura Mourita e de Maria do Carmo Lopes Vide, também naturais desta localidade.

Figura querida de Loriga foi o "último" Carteiro desta Vila, em épocas quando a nomenclatura das ruas ou mesmo os números das portas das habitações faziam parte do nosso imaginário, tendo ao longo de muitos anos desempenhando aquelas funções com muita dignidade.

Foram quilómetros sem conto percorridos ao longo dos anos de serviço na sua profissão de Carteiro, devendo ser o único loriguense a conseguir pisar todas as ruas, becos, pátios, quelhas ou mesmo qualquer recanto da povoação, levando consigo boas e más notícias. Conhecia toda a gente pelos

seus nomes e apelidos, apesar de serem tempos em que a população atingia números elevados que nada tem a haver com o movimento populacional de hoje, que se vem notando cada vez mais reduzido.

Homem de uma calma impressionante e de pontualidade eficaz, ao sol, chuva, vento, frio ou neve, a partir das 11 horas da manhã era uma presença obrigatória pelas ruas da Vila, fazendo chegar aos seus destinatários a tempo e horas a correspondência que consigo levava, mesmo tendo por vezes o hábito de se entreter em "dois dedos de conversa" com os amigos ou aproveitando essas paragens por breves momentos para refrescar um pouco a garganta.

Hoje nada sendo com antes, desempenhar o serviço de carteiro parece necessário ser bastante letrado e em vez do andar a pé, existem os transportes para se movimentarem, parecendo nada poder ser feito se não houver a ajuda da electrónica. No entanto o "Ti Zé Mourita" o carteiro de Loriga não precisou nada disso, pois registava mentalmente todos os nomes das pessoas da sua terra. Hoje em dia, se a memória nos falha, podemos socorrer-nos da nossa "memória electrónica", como é o caso do computador. Sendo bastante religioso era um cristão convicto e um fervoroso defensor da igreja, adorando igualmente a sua terra. Era casado com a Sra. Adélia Alves Jesus.

Um dia, em caminhos que percorreu e tão bem conhecia, aconteceu o que nunca previa que viesse acontecer. Caiu e feriu um pé e uma a perna e, a partir daí não mais foi o mesmo, Foi adoecendo e essa mesma doença o viria a vitimar, falecendo no dia 20 de Abril de 1998. A população de Loriga viu partir o "último" Carteiro da Vila daquela época em que a correspondência, para chegar até nós, apenas bastava ter o nome.



Mário Gonçalves da Cruz
1928 - 1999

Natural de Loriga onde nasceu em 16 de Janeiro de 1928, ficou na memória como um dos maiores bairristas loriguenses, onde o amor a Loriga estava sempre presente onde quer que fosse e estivesse em tudo o que se envolvesse relacionado com a sua querida terra.

Esta figura loriguenses viveu quase toda a sua vida em Sacavém. Para muitos era como que um cônsul de Loriga nesta localidade, a quem muitos recorriam para saberem novidades e notícias e como não podia deixar de ser foi também um dos fundadores da ANALOR (Associação dos Naturais e Amigos de Loriga) à qual dedicou muito do seu tempo.

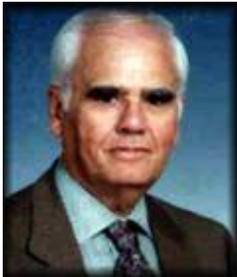
Um dom poético o caracterizava para projectar a sua adorada terra através da poesia, escrevendo muitos poemas, quase sempre dedicados a Loriga e às suas gentes, não esquecendo os Bombeiros e Músicos pelos quais teve sempre uma grande admiração.

Homem de alma grande, ficou na recordação de muitos quando organizava excursões a Loriga, nomeadamente no verão e mais precisamente para os festejos da Festa da N.S. da Guia, estando na lembrança a chegada à "Carreira" onde era enorme a emoção e quando da partida, a tristeza

reinante era bem visível nos rostos de todos aqueles ao deixarem mais uma vez a sua terra.

Pessoa simples e afável tinha uma maneira própria de falar das artes, dos livros, da poesia, nos acontecimentos diários, tendo também sempre histórias e peripécias para contar desses passeios excursionistas e ainda de uma vida que levou dedicada ao melhor que houvesse para Loriga. Faleceu em 28 de Dezembro de 1999, após doença, sendo sepultado no cemitério de Sacavém, ficando assim dividido por duas localidades que foram a sua vida, uma que foi seu berço e a outra em que ficou sepultado, ficando Loriga mais triste por não mais ver chegar aquele que um dia lhe cantou:

"Eu canto Loriga canto. A tua Primavera em flor. Como eu te quero tanto. Minha terra, meu poema, meu amor".



Carlos Nunes Cabral Junior
1928 - 2004

Nasceu em Loriga, em 16 de Maio de 1928, filho de Carlos Nunes Cabral e de Urbana Nunes Moura.

Depois de frequentar a escola primária na sua terra, foi estudar para Coimbra, por onde se manteve durante alguns anos.

Desde muito novo se notava a sua qualidade de empresário e cedo começou a pisar os passos de seu pai, também ele um grande industrial em Loriga.

Homem de grande inteligência e de luta, empresário de enorme qualidade e sucesso. Após a morte de seu pai, tomou a liderança da Firma Moura Cabral & Comp., que administrou durante três décadas, chegando mesmo a ser uma firma de sucesso, em desenvolvimento, progresso e qualidade, merecidíssima reconhecida no concelho e não só.

Fez parte dos Corpos Sociais de vários organismos da sua terra natal, nomeadamente de carácter desportivo, cultural e humanitário, funções que sempre desempenhou com todo o empenho e dedicação.

Foi presidente da Junta de Freguesia de Loriga de 1990 a 1993, onde se destaca a obra realizada e de grande valor, no desenvolvimento da sua terra.

Depois do 25 de Abril de 1974 e até 1976, fez parte da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Seia

Tanto como dirigente ou empresário, apoiou sempre todas as iniciativas, que fossem de benefício para a sua terra.

Em meadas da década de 1980, foi determinante o seu contributo ao espírito impulsionador, em termos de panorama do futebol, elevando o Grupo Desportivo Loriguense, ao seu mais alto nível desde a sua existência, ao disputar pela primeira vez o Campeonato Distrital da 2ª. Divisão da Associação do Futebol da Guarda. Foi também nessa altura, o Presidente eleito desta popular colectividade loriguense.

Poucos anos antes da sua morte, resolveu afastar-se do meio empresarial, deixando mesmo a sua empresa. Esta firma continua em laboração, sendo a única empresa de lanifícios, que actualmente e apesar de tudo, ainda sobrevive em Loriga.

Faleceu inesperadamente em Coimbra, no dia 4 de Abril de 2004. O funeral

realizou-se para a sua terra natal, onde ficou sepultado no cemitério local.

Loriga ficou mais pobre ao ver desaparecer mais um dos seus industriais, que muito fez pela sua terra e que tanto adorava.



Adélia Alves Martins
1929 - 1974

Nasceu em Loriga, no dia 2 de Maio de 1929, era filha de António Alves Martins e de Maria Emília Duarte Jorge.

Desde muito nova se começou a destacar como cozinheira, numa maneira própria de muito bem confeccionar a comida regional.

Os seus dotes culinários eram muitos reconhecidos não só em Loriga, mas também pelas outras terras da região, para onde era solicitada com regularidade.

Cozinhava para bodas ou outros eventos, sendo a mais nova das cozinheiras a trabalhar para a comunidade em Loriga. Tal como era usual nesses tempos, nunca também fazia preço pelo trabalho que executava, aceitando o que as pessoas lhe queriam dar, sendo que, muitas vezes, o pagamento consistia apenas em mercearias.

Muito devota e religiosa, teve sempre presente o cumprimento dos deveres da Igreja, tendo pertencido à JOCF e à LOCF, logo após a fundação destes organismos em Loriga, pelo Sr. Padre António Roque Abrantes Prata, Pároco nesta vila (1944-1966).

Foi a primeira cozinheira do Restaurante Império em Loriga, quando este foi inaugurado em 1972 onde, durante o tempo que ali trabalhou, a comida que confeccionava, era bastante apreciada pelas pessoas que vinham de fora.

Teve sempre a preocupação de transmitir aos outros os seus conhecimentos de culinária e, por isso mesmo, os seus ensinamentos vieram a tornar-se muito úteis, para as pessoas que com ela muito aprenderam.

Mãe de doze filhos, muito carinhosa e esposa resignada pelo infortúnio da doença do marido, viria a morrer relativamente nova, após doença prolongada, deixando seus filhos ainda muito novos e, quando ainda tinha muito para dar à família e também à gastronomia loriguense.

Faleceu em 20 de Outubro de 1974, sendo sepultada no cemitério local, onde muitos loriguenses se deslocaram acompanhando-a até à sua última morada, num funeral de verdadeiro pesar, vendo Loriga, desaparecer para sempre, uma das suas cozinheiras, que deixou em todos, recordações e saudades.



Adelino Moura Galvão
1929 - 1990

Nasceu em Loriga em 9 de Outubro de 1929, filho de Mateus de Moura Galvão e de Maria dos Anjos Pina Galvão.

Professor primário de enormes qualidades, esforçando-se para que os seus ensinamentos fossem linhas orientadoras que permitissem aos seus alunos enfrentar sem temor o dia de amanhã.

Era mesmo considerado como um verdadeiro mestre na arte de ensinar, tendo sempre como preocupação transmitir aos seus alunos todo o seu ensinamento que o distinguia.

Alguns dos seus antigos alunos distinguiram-se como filhos ilustres desta vila, e um deles foi responsável pelo conhecimento e divulgação da história antiga de Loriga.

Muito culto, disciplinado e de muito profissionalismo, deu o melhor que sabia ao ensino, tinha ainda uma particularidade muito própria, que mesmo para além do normal horário escolar levar os seus alunos para uma sua casa situada na "Vista Alegre" para estudarem, um acto que para tirar da rua os seus alunos para que aprendessem ainda mais, isto antes da entrada em actividade a nova Escola Primária de Loriga.

Foi presidente da Junta de Freguesia na década de 1960, tendo projectado muitas ideias, que contribuíram para muito do desenvolvimento que na década seguinte se veio a concretizar na vila de Loriga.

Era casado com D. Helena Leitão, que com os dois filhos formavam uma família que ele tanto adorava.

Faleceu em Loriga, no dia 8 de Fevereiro de 1990, sendo sepultado no cemitério local. Vendo Loriga desaparecer mais um dos seus professores, deixando uma saudade em todos aqueles que muito o admiravam.



**Emílio Leitão Paulo
1932 - 2001**

Nasceu em Loriga em 17 de Julho de 1932, foi uma figura de prestígio desta vila, distinguindo-se como personalidade bem vincada em todos os cargos que desempenhou.

Fez o ensino primário na sua terra, licenciou depois em Coimbra, tendo sido diplomado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa.

Trabalhou na Companhia dos Diamantes de Angola, durante alguns anos, regressou à Metrópole, tendo ingressado nos Nitratos de Portugal como Director Técnico. Transitou depois para a Metalúrgica Vaz Leal, em Loriga, onde foi sócio-gerente durante alguns anos, onde também teve sempre a preocupação de gerir esta firma industrial da sua terra, com o maior dinamismo e entusiasmo.

Dedicou parte da sua vida à política, militante pelo partido do CDS, teve um papel de relevo na organização deste Partido no distrito da Guarda, onde chegou a ser o mais votado, chegando mesmo também a ser Vice-Presidente do Conselho Nacional.

Após o 25 de Abril de 1974, foi Deputado pelo CDS na Assembleia Constituinte pelo círculo da Guarda. A partir de 1978 foi nomeado para Governador Civil da Guarda, funções que desempenhou durante algum tempo. Foi também Vice-Presidente da Câmara de Seia.

Pessoa de fino trato, e de elegante relacionamento, era bem reconhecido

por todos o trabalho desempenhado nas suas funções políticas, onde procurava acima de tudo ser aberto a todos, sem distinção de ideologias, tentando servir o melhor possível os interesses do seu Distrito. Foi um dos sócios fundadores da Editora Porta da Estrela Lda., proprietária do Jornal da Porta da Estrela publicado em Seia. Casado em primeiras núpcias com D. Maria Lela de quem ficou viúvo, tendo casado em segundas núpcias com D. Maria de Lurdes D.Brito. Faleceu no Hospital Particular de Lisboa, no dia 12 de Outubro de 2001, vítima de doença. O seu funeral saiu da Igreja do Campo Grande-Lisboa para Loriga, onde ficou sepultado no cemitério local.



Joaquim Leitão da Rocha Cabral
1934 - 2003

Nasceu em Loriga, em 25 de Maio de 1934, filho de António da Rocha Cabral e de Guilhermina Reis Leitão Cabral.

Vivendo praticamente sempre fora da sua terra, notabilizou-se pelo seu invejável e meritório curriculum, devido aos altos cargos que desempenhou ao longo da sua vida, e que o tornaram num loriguense de destaque.

Chefiou e administrou muitas instituições públicas, e fez parte também de diversos governos, vivendo uma vida de actividade, que o impossibilitava de muitas mais vezes visitar Loriga, como decerto desejava.

Licenciou-se em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico em 1951-58 e, posteriormente, viria a formar-se em Genie Atomique INSTN Sacy 1959; Calder Hall Operatine School 1960 e Auditor do Curso de Defesa Nacional 1993-94.

De 1959 até 1976, foi Engenheiro da Companhia Portuguesa de Industrias Nucleares, bem como da Empresa Termo-Eléctrica Portuguesa e da Companhia Portuguesa de Electricidade. De 1976 até aos últimos tempos da sua vida, chefiou a Equipa de Projecto da Central Nuclear, passando à reforma em 1999, na função de assessor do Concelho da Gerência.

Em 1977, foi nomeado Administrador da Electricidade de Portugal. De 1971 a 1983, foi representante português na Comissão de Estudos Nucleares da UNIPEDE, e em 1987 na Comissão Consultiva da EUROTOM. De 1983 a 1984, foi Vice-presidente da UFIPE.

Dedicou-se à política, tendo feito parte do I Governo Constitucional como Secretário de Estado da Energia e Minas: (28-07-1976 a 07-01-1977) e de (07-01-1977 a 25-03-1977), do II Governo Constitucional, como Secretário de Estado da Energia e Indústrias de Base: (06-02-1978 a 28-07-1978), mantendo-se em gestão até à posse do 3º Governo Constitucional, em 29-08-1978, e do IX Governo Constitucional como Secretário de Estado da Energia: (18-06-1983 a 12-07-1985), mantendo-se em gestão até à posse do 10º Governo Constitucional, em 06-11-1985.

Foi nomeado Secretário-Adjunto do Governo de Macau, de Julho de 1987 a Dezembro de 1989. Em 1992, candidatou-se à Junta de Freguesia do Campo Grande (Lisboa) onde saiu vencedor, tendo-se recandidato e vencido também em 1996. Pelos serviços prestados ao longo da sua vida, foi reconhecido pelo seu trabalho, ao ser-lhe atribuída a condecoração do Grão-Cruz da Ordem de Mérito Civil de Espanha. Foi casado com Maria Isabel Nunes Cabral, também natural de Loriga e pai de Ana Isabel Cabral Grade. Faleceu

no dia 17 de Janeiro de 2003, e o seu funeral foi realizado para o cemitério do Alto São João - Lisboa, tendo Loriga ficado mais pobre ao ver desaparecer um dos seus mais nobre e ilustre filho.



António Abreu de Pina
1937 - 1962

Nasceu em Loriga no dia 7 de Setembro de 1937, filho de António de Moura Pina e de Idalina Mendes Luis Abreu.

Depois de frequentar a escola primária, ingressou no seminário da Guarda, que apesar de ser um jovem de uma maneira diferente de viver, era bem visível todas as condições para trepar facilmente as escadas do altar. Seminarista, escuteiro, jogador de futebol, tocador de viola, actor de teatro, era acima de tudo um jovem desinibido. Filho de uma família extremamente religiosa, possuidor de uma vasta inteligência, uma capacidade musical como poucos, uma desenvoltura linguística invulgar, que mais Deus tinha a dar a este futuro seguidor.

Quando vinha à sua terra de férias, além das coisas da igreja estava em tudo. Fazia teatro, jogava futebol no Grupo Desportivo Loriguense, que ainda hoje é recordado como um dos melhores futebolistas de Loriga. Estava nas tertúlias que se sucediam nas sapatarias do seu pai, tocava viola e cantava com os outros.

Organizava acampamentos na serra, com a juventude, passeava nas ruas com tamanha elegância e à vontade que serviam de escola no seio da timidez que assolava a juventude de Loriga na época.

O António Calçada, como popularmente era assim chamado, queria ser Padre. Mas um padre actual, virado para as questões sociais, para os problemas da juventude de uma era moderna e não um rezador de novenas. Só que na época os apoios eram parciais nos Seminários e as opiniões divididas. O António chega às ordens menores mas há hesitações dos superiores, procuram-se esperas, o bispo recebe dúvidas a arrasta o processo.

Depois de tanta hesitação, o pároco de Loriga terá dado, segundo opinião de alguns, uma informação negativa e o seminário desaconselha, assim, a ordenação do futuro Padre Abreu. Caía a notícia em Loriga como uma bomba, e um trovão sobre a cabeça dos seus pais.

O jovem António Abreu, parte então para Lisboa, empregando-se na Misericórdia dada a sua capacidade e paixão musical, frequenta o conservatório da música, e ali conheceu o Professor Santos Pinto, vindo a tornar-se grandes amigos.

Avizinha-se o serviço militar, António sentia qualquer coisa de anormal no seu coração. Os médicos aconselham um exame difícil para a época: cateterismo.

Foi fatal. Faleceu nas mãos dos médicos no dia 16 de Julho de 1962, com a idade de 24 anos. O Funeral realizou-se para o cemitério dos Olivais em Lisboa onde ficou sepultado.

Loriga viu assim desaparecer um jovem que tanto queria ser Padre, e muito poderia fazer por Loriga, mas que as mentalidades conventuais, na época, não viam com aprovação a libertação deste jovem de outras ideias mais moderna.



António Gonçalves Ferreira
1944 - 2006

Nasceu em Loriga no dia 29 de Fevereiro de 1944, filho de José Gomes Ferreira e de Maria do Carmo Gonçalves.

Um dos mais dinâmicos e trabalhador em prol da comunidade nestes últimos anos da chamada era moderna. Sempre activo, foi sem dúvida uma referência de bairrismo muito reconhecido pelos seus conterrâneos.

Caracterizava-o a sua personalidade firme de homem forte e dotado de grande alma, bem patente na dedicação em tudo em que participava, os seus dotes de cantor e actor, estão ainda bem na memória de todos.

Uma forma humilde e própria de estar na vida, na participação criativa, voluntária e desinteressada nas colectividades da sua terra e também em muitas iniciativas de solidariedade em que participava, fizeram-no num dos melhores filhos de Loriga.

Foi vocalista no grupo musical os "Karts" criado na década de 1960, uma nova evolução na juventude Loriguense da época e que elevava o nome de Loriga onde quer que actuava. Participou em vários teatros, nomeadamente, cantando na sessão musical designada as "Melodias de Sempre"

Trabalhou durante muitos anos na antiga Fábrica de malhas "Loriseira" em Loriga, foi Vogal suplente na Assembleia de Freguesia, grande entusiasta do associativismo, nos Bombeiros, Grupo Desportivo e outras colectividades, era também um colaborador incansável em tudo que fosse de bom para a sua terra. Estão ainda nas memórias as refeições que ele próprio confeccionava para todos os que gostavam de conviver e confraternizar, quer no Grupo Desportivo, Bombeiros ou nas festas anuais dos Sportinguista que ele tanto gostava.

Casado com Maria Isabel Brito Aparício Ferreira e com dois filhos Pedro e Rita, o António foi sem dúvida de uma grande dedicação à família e também aos amigos, em que sua humanidade e amizade fez granjear de todos uma verdadeira admiração e estima.

Faleceu em Loriga no dia 8 de Outubro de 2006 após doença prolongada, com a idade de 62 anos, sendo sepultado no cemitério local. Nesse dia chovia copiosamente, parecendo que o céu também chorava, unindo-se dessa feita aos seus conterrâneos que o acompanharam à sua última morada.



Carlos Augusto Nunes de Pina
1945 - 2003

Nasceu em Loriga em 1945, filho de Carlos Nunes de Pina e de Maria dos Anjos Gomes de Pina.

Fez a escola primária em Loriga e desde muito cedo se notava nele uma certa aptidão para a escrita.

Depois de concluir os seus estudos enveredou pela carreira jornalística, onde se notabilizou com grande sucesso ao longo de mais de 30 anos, angariando sempre a estima e a admiração dos seus superiores e colegas.

Iniciou o seu percurso jornalístico no Jornal "Diário de Notícias" passando pela categoria de revisor gráfico e de redactor. Foi subdirector e mais tarde director do Jornal "O Dia", foi ainda director da "48 Horas" e editor da revista "Tempo Livre" da Inatel.

Ocupou no mundo da comunicação social outros cargos importantes que para além de ter sido co-fundador do "Jornal Novo", destaca-se de ter sido o jornalista responsável pela introdução da comunicação institucional, tendo para o efeito, fundado a INFOPLAN e a INFOPLUS.

Nos últimos tempos da sua vida, exercia, as funções de director-adjunto da Revista "Homem Magazine".

Foi um grande colaborador e bateu-se pelo aperfeiçoamento e melhor qualidade do Jornal "Garganta de Loriga", a ele se deve a nova linha gráfica deste jornal loriguense, propriedade da ANALOR.

Adorava a sua terra e dela escrevia por onde quer que passasse, mantinha sempre bem vivas as recordações dos seus tempos de criança na sua terra natal, e onde quer que andasse não esquecia Loriga.

Faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, no dia 11 de Setembro de 2003, com a idade de 58 anos, e após doença prolongada. O funeral realizou-se para o Estoril, sua terra de residência. Foram muitos os amigos e conterrâneos que estiveram presentes para lhe prestar a última homenagem, e o acompanharem à sua última morada para o cemitério local onde ficou sepultado.

Loriga ficou mais pobre, ao ver partir para sempre mais um seu ilustre filho, e os seus conterrâneos viram desaparecer alguém, que pelo seu elevado nível de pessoa de enormes qualidades e capacidades, constituiu para todos motivo de orgulho.



**Fernando Luís Ferreira Ferrão
1958 - 2006**

Natural de Loriga onde nasceu em 13 de Setembro de 1958, Filho de Herculano Luis Ferrão e de Maria Emília Ferreira.

Sempre solidário, muitas vezes divertido e nunca ambicioso, dedicou grande parte da sua vida às causas sociais, sendo sem margem para dúvidas, um exemplo a seguir, pois quem o conhecia sempre o encontrava, incansável e solícito, em actividade nas colectividades e instituições de Loriga.

Pertenceu a vários organismos das sua terra. Foi bombeiro, escuteiro, marchante, actor, músico, enfim, um sem números de causas em que estava sempre pronto para colaborar em tudo de bom para a Loriga.

Era um bom bombeiro, sempre a postos para combater os fogos ou a cumprir outros serviços humanitários. Como escuteiro, estava ele sempre disponível a organizar caminhadas com os mais novos. Foi marchante e um entusiasta

das Marchas Populares onde deixou a sua marca com garra e alegria. Foi também actor, longe de querer os holofotes voltados para ele, o "Ferrãozinho", como era tratado, era um bom actor, participando activamente no grupo cénico do Grupo Desportivo Loriguense.

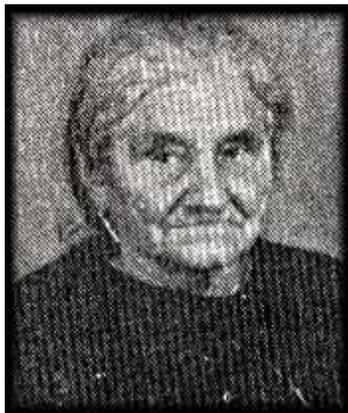
Como músico começou na Banda de Loriga, animando depois os grupos de música tradicional, "Amanhã" e "Novo Horizonte" onde tocou viola e bandolim.

Faleceu inesperadamente na sua casa onde vivia, no dia 6 de Julho de 2006, com a idade de apenas 47 anos, Loriga vê assim desaparecer um dos seus mais conceituados filhos, que muito contribuiu em prol da comunidade e do associativismo e que muito ainda tinha para dar à sua terra.

O seu funeral realizou-se em Loriga, tendo tido Honras de Bombeiro, com o corpo levada em carro da corporação dos Bombeiros Voluntários de Loriga para a sua última morada no cemitério local.

Loricenses Centenários

Registo de algumas das pessoas nascidas em Loriga que viveram cem anos e mais.



Urbana Pereira
(Loriga *)
1885 - 1987



Albano Fernandes Conde
(Brasil *)
1888 - 1988



Maria dos Anjos Leitão Brito Crisóstomo
(Loriga *)
1894 - 1995



Maria dos Anjos Jorge Moura de Joao Luíz
(Argentina *)
1904 - (**)



António Nunes Moita
(Loriga *)
1898 - 1999

(*) Local onde viveram a maior parte do tempo da sua vida.

(**) Sabe-se ter completado os cem anos em 2004, mas a partir de então não tenho registo de qualquer outra noticia respeitante a esta centenária loricense.